



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

BALANÇO ANUAL 2016 E PERSPECTIVAS

Dezembro.2016

MENSAGEM DO PRESIDENTE

O Brasil aproxima-se de completar três anos de uma grave crise econômica. Ao final de 2016, acumulam-se sete trimestres consecutivos de contração. Estamos fechando o ano com 12 milhões de pessoas desempregadas – isso sem contar o contingente de pessoas que simplesmente desistiram de procurar trabalho.

No primeiro semestre de 2016, a mudança no comando do país, em razão do impeachment, coincidiu com a melhoria de uma série de indicadores econômicos, incluindo a redução do risco-país e a elevação da confiança de empresários e consumidores. A sensação era, então, de que o pior da crise havia passado e que as mudanças na orientação da política econômica, conduzida por técnicos de reconhecida competência, nos conduziram ao fim da recessão. Naquele momento, a produção de máquinas e equipamentos chegou a crescer, indicando que diversos empresários preparavam-se para um novo ciclo de crescimento.

Em meados do segundo semestre, no entanto, a esperança de retomada do crescimento ainda em 2016 mostrou ser uma ilusão. O elevado comprometimento da renda das famílias com endividamento, aliado à expansão do desemprego, desestimularam o consumo agregado – principal motor do crescimento nos últimos anos. Apesar do grande esforço que tem sido feito, está sendo muito difícil conquistar mercados em outros países. O setor público encontra-se em situação fiscal extremamente delicada, incapaz de arcar com seus gastos de custeio e impossibilitado de expandir os investimentos. Por fim, o avanço do investimento privado, que é a nossa última esperança, vem sendo desestimulado tanto pelas nossas condições internas quanto pela renovada instabilidade do ambiente internacional.

Apesar de todos os problemas, a indústria mineira não pode parar – e, para isso, é preciso manter uma agenda positiva e proativa para 2017, capaz de interromper o círculo vicioso no qual nos encontramos e criar as condições para que o próximo ciclo de crescimento econômico seja longo e sustentável. É preciso, com urgência, que as federações industriais, lideradas pela Confederação Nacional da Indústria – CNI, mobilizem-se por mudanças institucionais que destravem o ambiente de negócios. Em particular, temos que persistir na busca da simplificação do sistema tributário, na revisão da legislação trabalhista e na redução do custo do dinheiro no Brasil.

É hora de reduzir a burocracia e estimular a transparência nas interações entre o poder público e o setor privado. Estes são valores básicos dos quais não abrimos mão. É imprescindível, também, expandir o apoio ao ensino fundamental e profissionalizante no país, tarefa que a indústria tem realizado com sucesso cada vez maior por meio do SESI e do SENAI. Por fim, as empresas precisam se renovar e se reinventar, para inovar em produtos e processos, buscando a internacionalização e uma maior inserção nas cadeias globais de valor.

Esta é a agenda a cumprir em 2017!

Olavo Machado Junior
Presidente do Sistema FIEMG



SUMÁRIO



CENÁRIO INTERNACIONAL

ESTADOS UNIDOS	<u>06</u>
ÁREA DO EURO	<u>09</u>
CHINA	<u>12</u>
AMÉRICA LATINA	<u>15</u>



CENÁRIO BRASIL E MINAS

ATIVIDADE ECONÔMICA	<u>16</u>
MERCADO DE TRABALHO	<u>25</u>
CRÉDITO	<u>29</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>31</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>32</u>
SETOR EXTERNO	<u>33</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>38</u>
PROJEÇÕES	<u>41</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>42</u>
BENS DE CAPITAL	<u>43</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>44</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>45</u>
METALURGIA E SIDERURGIA	<u>46</u>

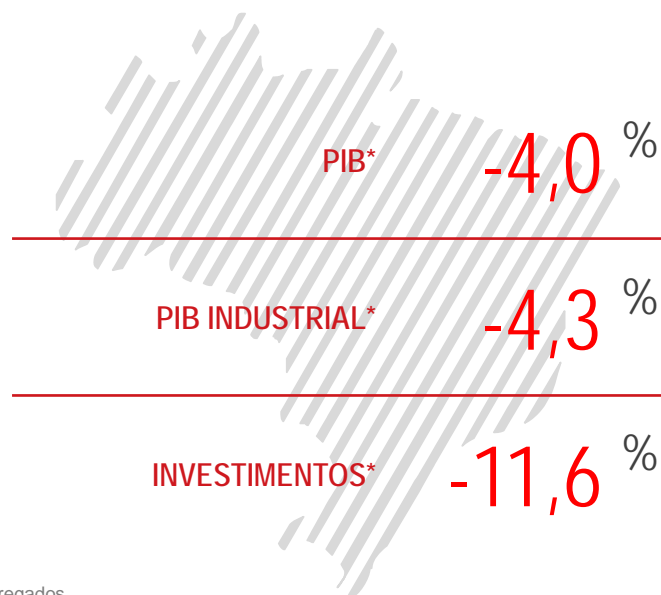
SÍNTESE

A economia mundial foi pautada, em 2016, por uma série de eventos políticos e econômicos impactantes, como o surto migratório e o *Brexit* na Europa, a ascensão de Donald Trump à presidência dos EUA, o colapso do preço do petróleo e a continuidade do processo de desaceleração chinesa.

Nos EUA, o resultado do crescimento será modesto em 2016. Em 2017, o avanço no PIB dependerá da condução da política econômica de Donald Trump. A agenda do novo presidente contempla cortes de impostos, desregulamentação e gastos em infraestrutura, tendendo a acelerar o ritmo do processo de normalização monetária no país e a valorização do dólar. A Europa segue em lento crescimento, impactado pelo desemprego elevado e pela inflação excessivamente baixa, o que tem justificado a continuidade do processo de afrouxamento monetário. Na China, as políticas econômicas têm surtido os efeitos esperados, conduzindo a desaceleração do crescimento de uma forma suave. Por outro lado, reformas estruturais importantes foram adiadas, e riscos financeiros são um ponto de atenção global, dado o crescimento explosivo do crédito. As perspectivas para a América Latina são de desempenho negativo em 2016 e de recuperação baixa em 2017, que poderá ser impulsionada por uma política monetária expansionista, favorecida por um processo gradual de desinflação na região.

ECONOMIA MUNDIAL	PIB 2015	3,2%
	PIB 2016 ^(e)	3,1%
	PIB 2017 ^(e)	3,4%

Até o 3º trimestre, o PIB nacional recuou 4% ante igual período de 2015. No acumulado em quatro trimestres, o recuo foi de 4,4%, aprofundando a recessão iniciada em 2014. Vale lembrar que a indústria chegou a ensaiar uma recuperação no 2º trimestre do ano, com expansão de 1,2% frente ao trimestre anterior. Contudo, esse resultado foi revertido no trimestre seguinte, levando o valor agregado industrial a uma queda de 4,3% nos nove primeiros meses de 2016, em relação ao mesmo período do ano passado. Sob a ótica da demanda, o destaque negativo nos primeiros três trimestres de 2016 foi a forte contração de 11,6% dos investimentos. Ressalta-se que a formação bruta de capital recuou 12,4%, no mesmo período de 2015, e 13,9% em todo o ano passado.



A principal consequência nociva do aprofundamento da recessão brasileira em 2016 foi o substancial avanço na taxa de desemprego, que atingiu 11,8% da população economicamente ativa (PEA) no trimestre encerrado em outubro (6,5% ao final de 2014 e 9,0% em 2015). A indústria foi o setor com maior contribuição no fechamento líquido de postos de trabalho, tanto no país quanto em Minas Gerais. No entanto, o ajuste no mercado de trabalho exibiu moderação em 2016 na comparação com 2015, ano de maior fechamento de postos de trabalho desde o início da série histórica do CAGED**, em 1985.

Um dos destaques de 2016 foi o comportamento oscilante dos indicadores de confiança ao longo do ano. Após atingirem as mínimas históricas na passagem de 2015 para 2016, os índices de confiança avançaram a partir de meados do 1º semestre, chegando a ultrapassar a linha de 50,0 pontos, que separa a percepção de otimismo (acima da linha) e de pessimismo (abaixo). Esse movimento de melhoria nos indicadores de confiança foi puxado pelo componente de expectativas para os próximos seis meses. Contudo, o componente de situação atual permaneceu consistentemente abaixo da linha dos 50,0 pontos para empresas de todos os portes. A partir de meados do 2º semestre, com a continuidade da contração da atividade, registrou-se um movimento de queda do indicador de expectativas para os próximos seis meses, aumentando a incerteza quanto à proximidade do início do novo ciclo de crescimento no país.

CENÁRIO INTERNACIONAL

EUA

PIB 2015 **2,6%**

PIB 2016^(e) **1,6%**

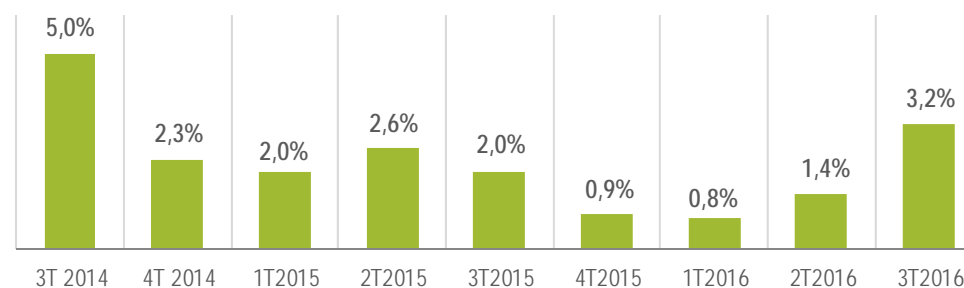
PIB 2017^(e) **2,2%**

CONSUMO É DETERMINANTE EM 2016

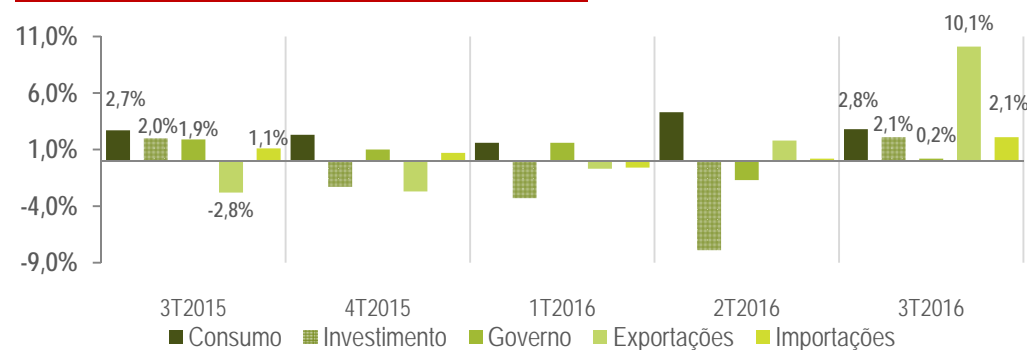
A evolução da atividade econômica dos EUA, em 2016, aponta para um crescimento de 1,6% no ano, inferior ao verificado em 2015 (2,6%) e em 2014 (2,3%), dado o fraco desempenho dos investimentos, das exportações e dos gastos do governo. O crescimento do PIB americano será sustentado pelo consumo das famílias em 2016, que avançou, em termos anualizados, 1,6%, 4,3% e 2,8% no 1º, 2º e 3º trimestres, respectivamente, em relação aos trimestres anteriores.

Após declinar quatro trimestres consecutivos, os investimentos privados avançaram 2,1% no 3ºT. Os lucros corporativos caíram em 2015 mediante um dólar forte e uma fraqueza econômica global, que pesou sobre os retornos das empresas nacionais com operações fora do país. Observa-se uma recuperação gradual, ainda que lenta dos investimentos, que poderão voltar a contribuir com o avanço da atividade em 2017. A participação do setor imobiliário no PIB neste ano será inferior aos níveis de 2015. Contudo, as perspectivas de longo prazo para o investimento residencial são positivas, dada a evolução do mercado de trabalho e a evidência de que o ritmo da construção de habitações segue em direção à média de longo prazo que prevalecia antes da crise de 2009, de 1,5 milhão de unidades.

PIB (Var. % Trimestral Anualizada)



COMPONENTES DO PIB (Var. % Trimestral Anualizada)



CENÁRIO INTERNACIONAL

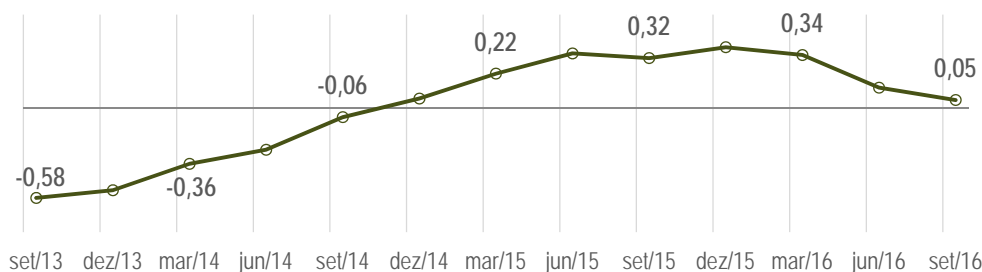


A força do dólar em relação às moedas dos principais parceiros comerciais diminuiu significativamente a competitividade dos produtos fabricados nos EUA, tanto no mercado externo quanto no mercado interno. As exportações, que recuaram desde o 3ºT15, voltaram a exibir resultados positivos e pontuais somente no 2º semestre de 2016. A apreciação do dólar deve persistir, dadas as expectativas de aumento dos juros nos EUA. Embora o setor exportador represente uma parcela relativamente pequena da produção econômica e do emprego, as condições estagnadas não são boas para o desempenho em outras partes da economia.

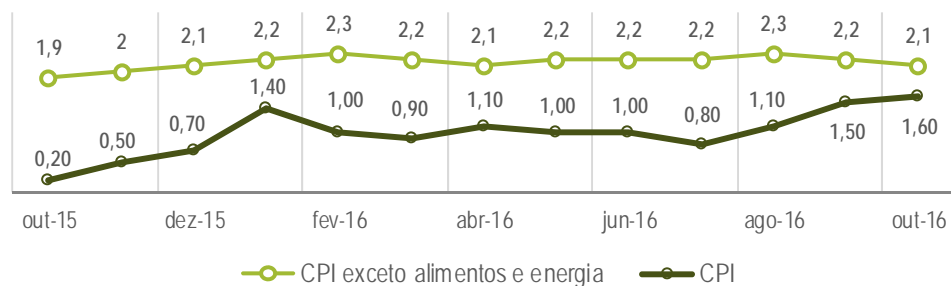
A austeridade fiscal tem tido um impacto significativo no ritmo de expansão econômica desde a crise de 2009, mantendo os gastos do governo com uma baixa contribuição ao crescimento desde então. As perspectivas de melhoria do desempenho econômico apoia aumentos de receitas fiscais, corroborando com um expansionismo fiscal próximo.

A eleição de Donald Trump marca uma nova diretriz para as políticas fiscal e monetária. Se implementada for, a agenda política de Trump implicará expansionismo fiscal mais amplo, com deterioração do déficit público e aumento da inflação, que atualmente está aproximando-se da meta de longo prazo de 2% ao ano. Nesse sentido, é esperado que o FED reaja aumentando o ritmo do aperto monetário.

CONTRIBUIÇÃO GASTOS DO GOVERNO NO PIB
(Pontos Percentuais - 4T)



INFLAÇÃO AO CONSUMIDOR - CPI (% 12 meses)

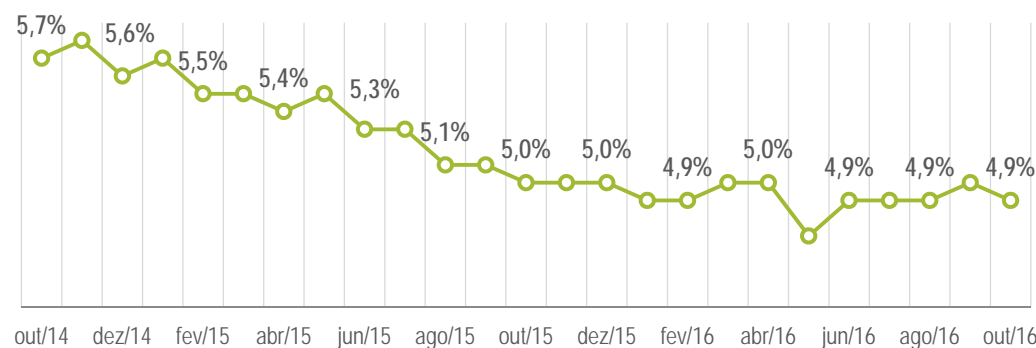


CENÁRIO INTERNACIONAL

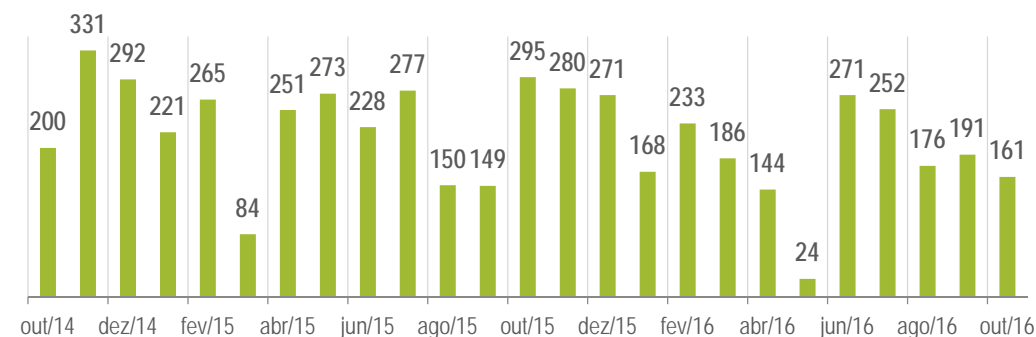
A geração de empregos tem sido robusta nos últimos cinco anos nos EUA, levando o mercado de trabalho a uma taxa de desemprego de aproximadamente 5,0% em 2016, compatível com as estimativas de pleno emprego. Ainda que tenha reduzido o ímpeto a partir do 2º semestre de 2016, verifica-se um crescimento saudável do emprego, com uma média mensal de 181 mil novas vagas até o mês de outubro desse ano. Contudo, os amplos ganhos de emprego não têm provocado aumentos salariais, influenciando a percepção do FED de que a folga do mercado de trabalho não foi totalmente eliminada. Isso explica, em grande parte, a sua cautela na condução da política monetária em 2016.

A melhoria das perspectivas de rendimento das famílias deve promover o aumento do consumo e fornecer uma ponte de crescimento até que o impacto de um estímulo fiscal esperado surta os efeitos desejados. A vitalidade econômica dos EUA seguirá diretamente ligada à resiliência dos consumidores e, portanto, do mercado de trabalho. Enquanto a atual dinâmica do mercado de trabalho persistir, os riscos de recessão permanecerão baixos. A estimativa é de crescimento ao redor de 2,0% em 2017. O cenário deve permitir ao Fed ampla margem de manobra para apertar a política monetária a partir de dezembro/16. Em 2017, são esperados dois aumentos de 0,25 pp na taxa dos FED Funds, o que pode ser alterado de acordo com a condução das políticas do novo presidente.

TAXA DE DESEMPREGO (%)



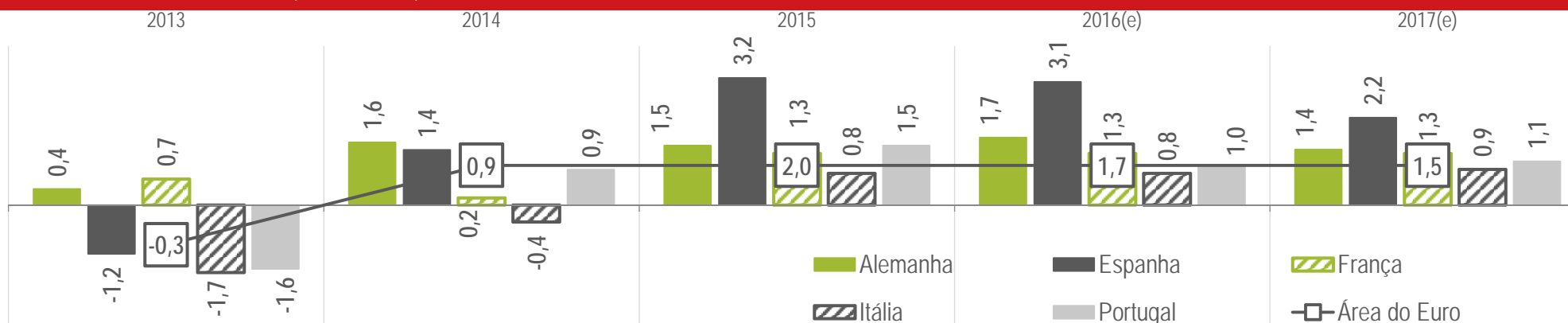
GERAÇÃO DE EMPREGO (Milhares)



CENÁRIO INTERNACIONAL

ÁREA DO EURO	PIB 2015	2,0%
	PIB 2016 ^(e)	1,7%
	PIB 2017 ^(e)	1,5%

PIB – PAÍSES SELECIONADOS (Var. % Anual)



A Europa ainda convive com o legado da crise financeira de 2009, marcado por desemprego elevado, inflação excessivamente baixa, desequilíbrios fiscais e fragilidades no sistema bancário de alguns países, como a Itália. O ritmo de expansão da Área do Euro é lento e deve alcançar 1,6% em 2016. O crescimento é desigual entre os países, dificultando a definição de uma política monetária única para todos os membros do bloco.

Há pouca evidência de que a decisão da Grã-Bretanha de deixar o bloco econômico tenha influenciado o crescimento da economia em 2016. Contudo, o PIB da região deverá desacelerar ligeiramente entre 1,2%-1,5% em 2017, impactado pelo *Brexit*.

A Grã-Bretanha convive, desde então, com uma desaceleração no crescimento da demanda, tendo em vista as incertezas sobre os futuros acordos com a União Europeia, o que tem levado as empresas a adiarem investimentos e decisões de contratação, além de reduzirem gastos, produzindo efeitos negativos também para a Área do Euro.

Do ponto de vista das políticas econômicas, vale destacar que grande parte dos ajustes fiscais, marcados pela austeridade, foi promovido entre 2011 e 2013 pelos governos locais, dificultando o processo de recuperação econômica até o momento. A disposição para aumentar gastos dependerá das condições de cada país do bloco. A tendência é que o desafio de estimular a demanda continue recaindo sobre o BCE, por meio da expansão monetária.

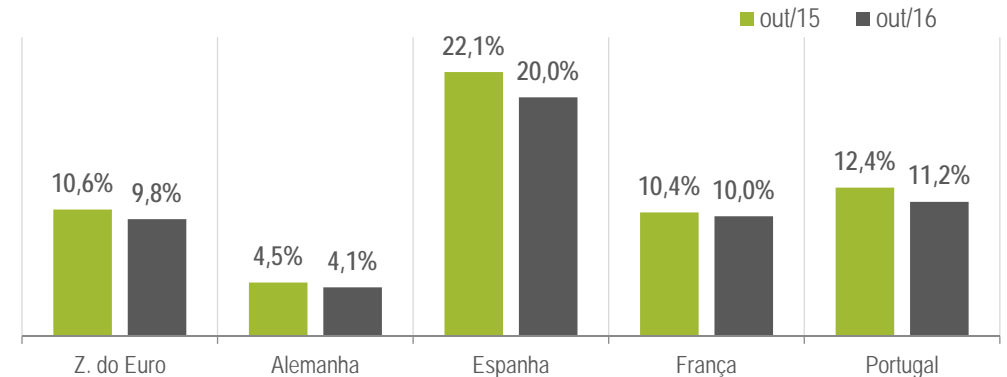
CENÁRIO INTERNACIONAL

O desemprego caiu quase continuamente entre meados de 2013 e início de 2016, recuando muito pouco desde então. Será necessário reduzir o desemprego para criar a pressão salarial necessária para que a inflação volte à meta de 2% ao ano. Mesmo nos países onde o desemprego retornou aos níveis normais, como a Alemanha, o crescimento dos salários se revelou insuficiente para criar um aumento significativo da pressão inflacionária. Esses dois desenvolvimentos sugerem que passará algum tempo até que a inflação demonstre convergência com a meta do BCE. Dada a perspectiva de arrefecimento da demanda em 2017, é improvável que pressões inflacionárias ocorram no próximo ano.

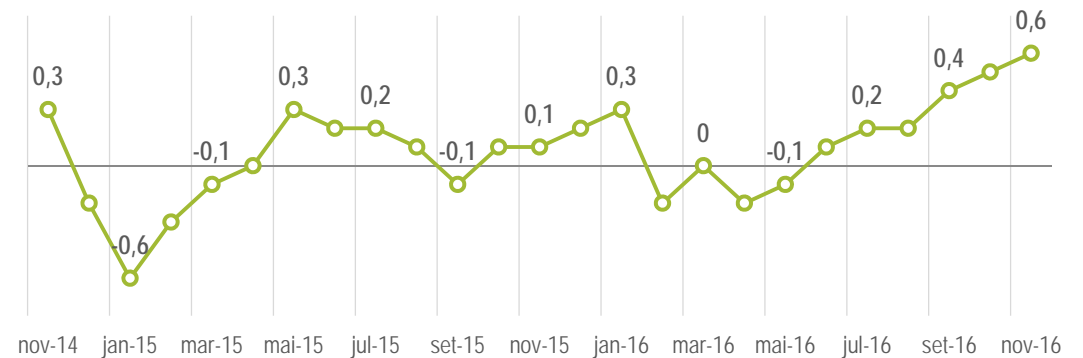
O declínio nos preços do petróleo, verificado desde 2015, contribuiu com uma inflação mais baixa por mais tempo – mas essa influência está desaparecendo rapidamente. Assumindo que não haverá novos choques de preços de *commodities*, o caminho da inflação dependerá principalmente de pressões de custos geradas internamente.

É provável que o BCE promova mais estímulos monetários, embora as suas opções sejam limitadas. São possíveis cortes adicionais nas taxas de juros, mas esse instrumento pode restringir as margens de lucro dos bancos. O mais viável é que o BCE mantenha o seu programa de compra de ativos em 2017.

ZONA DO EURO - TAXA DE DESEMPREGO* (%)



INFLAÇÃO AO CONSUMIDOR (% 12 meses)





CENÁRIO INTERNACIONAL



POPULISMO EM ASCENSÃO

Vários anos de crise econômica continuam a redefinir o cenário político da Área do Euro. Após as surpresas do *Brexit* e, fora da Europa, da ascensão de Donald Trump à presidência dos EUA, o continente europeu conviverá em 2017 com um amplo calendário eleitoral, marcado pelo avanço do euroceticismo. Um movimento em direção a altos níveis de apoio aos partidos não convencionais vem moldando a política da região há algum tempo, colocando em questão se a ascensão populista gerará mais mudanças políticas perturbadoras na Europa, como ocorreu nos EUA.

Na Itália, por exemplo, há evidências que sim, dada a ampla rejeição das propostas de reforma constitucional do primeiro-ministro, Matteo Renzi, que culminou no fim do seu governo, em dezembro/16.

Já na França, o resultado das eleições presidenciais serão conhecidos em abril de 2017. Dentre os candidatos, está Marine Le Pen, conhecida por defender políticas radicais. De acordo com as mais recentes pesquisas, Le Pen deve alcançar o segundo turno presidencial, mas deve perder para o primeiro-ministro François Fillon.

As eleições gerais no país francês, assim como na Alemanha e na Holanda, tornarão 2017 um ano político movimentado.

DATA	PAÍS	EVENTO
20/Nov/16	França	1ª rodada de primárias centro-direita
27/Nov/16	França	2ª rodada de primárias centro-direita
04/Dez/16	Itália	Referendo sobre a reforma constitucional
04/Dez/16	Áustria	2ª rodada da eleição presidencial
22/Jan/17	França	1ª rodada de primárias socialistas
29/Jan/17	França	2ª rodada de primárias socialistas
12/Fev/17	Alemanha	Eleição presidencial
15/Mar/17	Holanda	Eleições gerais
23/Abr/17	França	1ª rodada da eleição presidencial
07/Mai/17	França	2ª rodada da eleição presidencial
Jun/17	França	Eleição da Câmara dos Deputados
Set/17	Alemanha	Eleições gerais

CENÁRIO INTERNACIONAL

CHINA

PIB 2015 6,9%

PIB 2016^(e) 6,6%

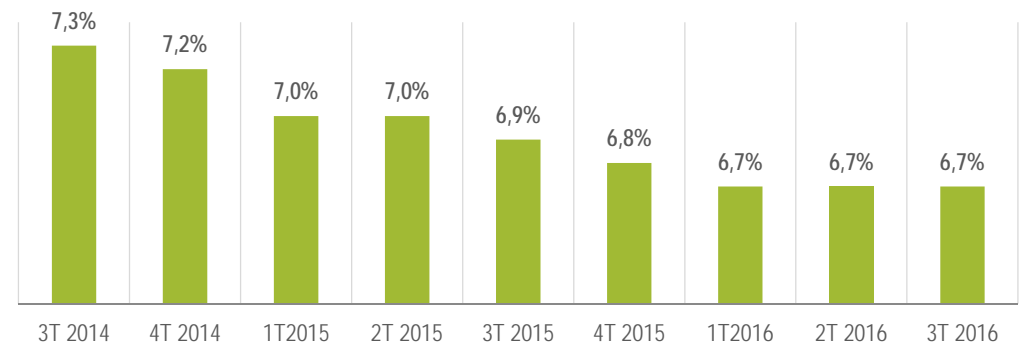
PIB 2017^(e) 6,2%

ESTÍMULOS GARANTEM CRESCIMENTO

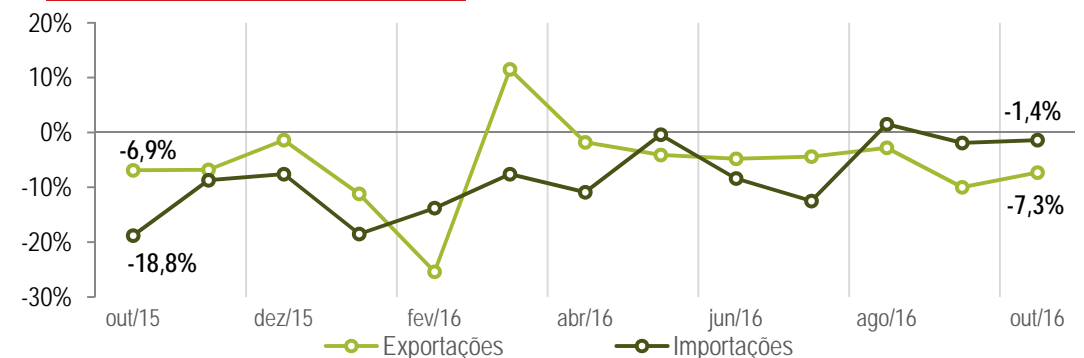
A economia chinesa foi pautada em 2016 pelo estímulo à estabilização da atividade econômica, o que garantirá o cumprimento da meta oficial de crescimento de 6,5% a 7,0% estimada para o ano. O desempenho é explicado pelos fortes apoios monetários e fiscais ao investimento em infraestrutura, especialmente na construção civil, promovendo a recuperação do mercado imobiliário. Adicionalmente, verificou-se cortes no excesso de capacidade instalada em alguns setores, influenciados também pela queda global dos preços de *commodities*. Esse ambiente foi capaz de gerar, ainda, um alívio nos preços ao produtor, que passaram de uma deflação persistente para uma inflação modesta no 2º semestre/16.

O desempenho de 2016 é uma evidência da capacidade das autoridades locais em conduzir, de uma forma suave, a desaceleração da economia chinesa. É provável que essa tendência positiva continue em 2017. No entanto, a estratégia da China para reequilibrar a economia em direção ao maior peso do consumo na economia continua a obter ganhos modestos. A despeito do aumento dos preços imobiliários verificados em 2016, que deram um impulso na sensação de riqueza e confiança dos consumidores, o crescimento da renda ainda é limitado. Por outro lado, as exportações, importante motor do crescimento chinês, apresentaram quedas na maior parte do ano. Os riscos políticos e a fraqueza econômica global apontam para um espaço limitado, a fim de expandir a participação da China no mercado em 2017.

PIB (Var. % Trimestral Anualizada)



EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES (T/T-12)



CENÁRIO INTERNACIONAL

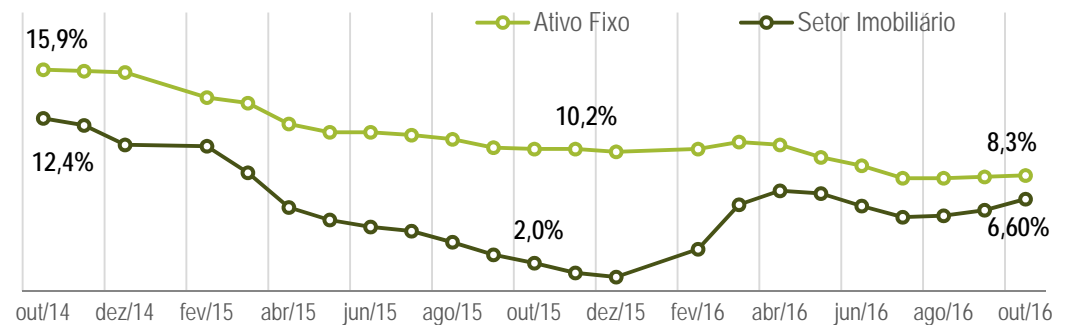
INVESTIMENTOS

O investimento em ativos fixos tem sido explicado pela robustez dos investimentos do setor público, dado o declínio persistente do investimento privado. A partir de um pico histórico de mais de 30% na comparação ano contra ano, o crescimento do investimento do setor privado caiu para um dígito em meados de 2016, alcançando 2,9% no acumulado em 12 meses no mês de outubro. A compensação desse *gap* pelo setor estatal impulsiona o crescimento, mas aumenta as preocupações sobre o retrocesso dos compromissos com as reformas pró-mercado.

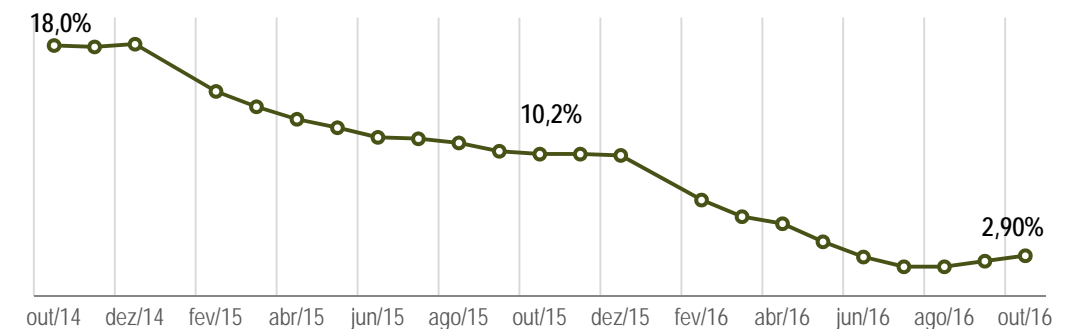
Os desafios dos decisores políticos da China são muitos. Um deles consiste em acelerar a transferência de ativos produtivos de empresas industriais do velho setor estatal para empresas privadas de alto potencial nos setores de serviços e manufatura avançada. A enorme dimensão das *State Owned Enterprise* – SOE, com receitas equivalentes ao PIB do Japão, contribui para a complexidade da reforma. Essas empresas, que empregam milhões de trabalhadores, contribuindo com uma grande parte do PIB, agindo como um canal de estímulo em tempos difíceis e, muitas vezes, fornecendo uma gama de serviços sociais aos seus empregados, não são facilmente fechadas ou reestruturadas.

Os investimentos em infraestrutura permanecerão robustos por conta dos efeitos dos estímulos econômicos. Um crescimento mais estável e a atenuação contínua das pressões de deflação devem fornecer um cenário favorável para a desalavancagem das empresas estatais.

INVESTIMENTOS EM ATIVOS FIXOS (T/T-12)



INVESTIMENTO DO SETOR PRIVADO (T/T-12)





CENÁRIO INTERNACIONAL

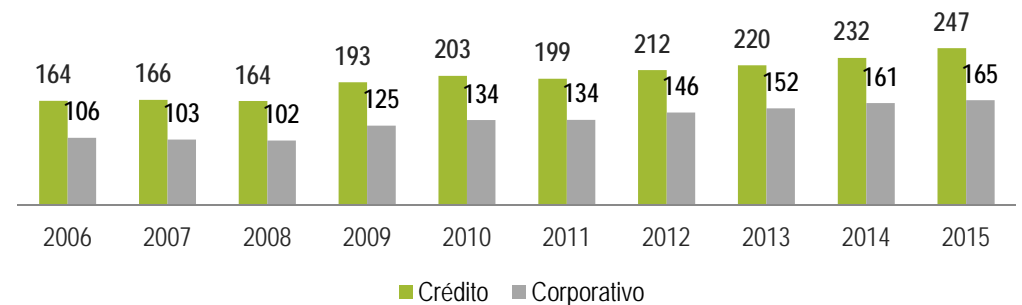
POLÍTICAS FISCAL E MONETÁRIA

Em 2016, o Banco Popular da China – PBOC continuou a utilizar a política monetária para impulsionar o crescimento, promovendo, entre outras medidas, reduções na taxa de juros, visando ao estímulo a empréstimos de médio e longo prazos. Dado que o espaço e a eficácia do apoio monetário são limitados, a política fiscal vem desempenhando, paralelamente, um papel de destaque. O déficit fiscal de 2016 foi expandido de 2,3% em 2015 para 3% do PIB. O Ministério das Finanças também ampliou o refinanciamento de dívida para os governos locais em 5,2 trilhões de yuans nos primeiros nove meses de 2016.

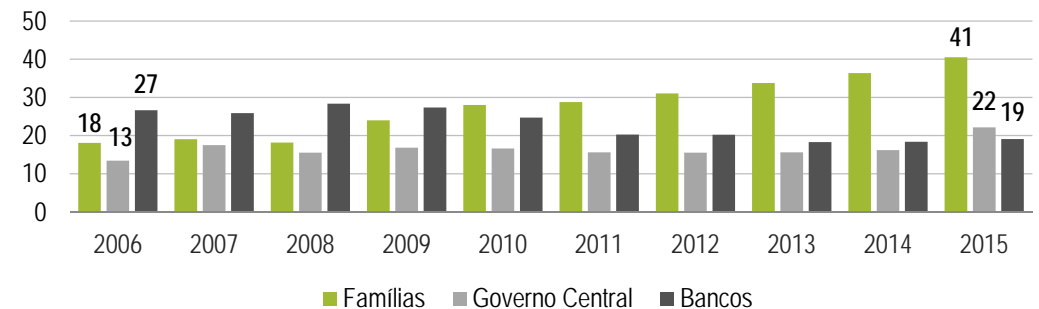
Simultaneamente, verifica-se que o crescimento do crédito bancário de instituições paralelas segue uma trajetória insustentável de aproximadamente 15% ao ano, mais que o dobro do ritmo de crescimento do PIB. Em 2015, o crédito aumentou para 247% do PIB, contra 164% em 2006. A explosão dos empréstimos, juntamente com o crescimento mais lento da economia real, levanta temores de instabilidade financeira.

Trazer o crescimento do crédito para uma trajetória sustentável, sem impor riscos aos balanços corporativos e bancários, é mais um dos grandes desafios da China.

Crédito Total (% PIB)



Endividamento (% PIB)





CENÁRIO INTERNACIONAL

AMÉRICA LATINA*

PIB 2015 0,0%

PIB 2016^(e) -0,6%

PIB 2017^(e) 1,6%

PAÍS	PIB (% ano)				TRANSAÇÕES CORRENTES (% do PIB)				DÉFICIT NOMINAL (% do PIB)			
	2015	2016 ^(e)	2017 ^(e)	2018 ^(e)	2015	2016 ^(e)	2017 ^(e)	2018 ^(e)	2015	2016 ^(e)	2017 ^(e)	2018 ^(e)
Argentina	2,5%	-1,8%	2,7%	2,8%	-2,5%	-2,3%	-3,2%	-3,6%	-6,6%	-7,1%	-7,4%	-6,6%
Brasil	-3,8%	-3,3%	0,5%	1,5%	-3,3%	-0,8%	-1,3%	-1,5%	-10,3%	-10,4%	-9,1%	-8,0%
Chile	2,3%	1,7%	2,0%	2,7%	-2,0%	-1,9%	-2,4%	-2,6%	-2,1%	-3,2%	-2,9%	-2,0%
Colômbia	3,1%	2,2%	2,7%	3,8%	-6,4%	-5,2%	-4,2%	-3,9%	-3,5%	-2,9%	-2,1%	-1,5%
México	2,5%	2,1%	2,3%	2,6%	-2,9%	-2,7%	-2,8%	-3,0%	-4,1%	-3,0%	-3,0%	-2,5%
Peru	3,3%	3,7%	4,1%	3,6%	-4,4%	-3,8%	-3,1%	-2,7%	-2,2%	-2,5%	-1,9%	-1,4%
Venezuela	-6,2%	-10,0%	-4,5%	-3,0%	-7,8%	-3,4%	-0,9%	0,7%	-23,1%	-25,7%	-26,1%	-23,8%
América Latina e Caribe	0,0%	-0,6%	1,6%	2,1%	-3,6%	-2,3%	-2,3%	-2,4%	-	-	-	-

As perspectivas de desempenho da atividade econômica na América Latina* são negativas para 2016 (-0,6%), e de recuperação modesta para 2017 (1,6%). A eleição de Donald Trump aponta para um cenário de expansão fiscal e de taxas de juros mais altas nos EUA, o que deve depreciar marginalmente as moedas dos países da região, assim como resultar em alterações políticas importantes. Com a inflação menos pressionada, observa-se uma tendência de política monetária mais expansionista, o que contribuirá com a recuperação prevista para 2017.

As economias brasileira e argentina estão em recessão e dependem de importantes reformas – algumas em curso, para garantir a retomada do crescimento nos anos seguintes.

O Chile convive com um enfraquecimento recente da atividade, abrindo espaço para cortes de juros, aproveitando o quadro favorável de desinflação mais rápida do que o esperado.

Na Colômbia, a inflação anual vem caindo rapidamente, mas ainda permanece acima da meta. O país necessita de reformas impopulares fundamentais para compensar a perda de receitas derivadas do petróleo, o que tem influenciado negativamente o crescimento do PIB em 2016.

O resultado das eleições nos EUA deteriorou as expectativas para a economia mexicana. Se prevalecer o discurso protecionista da campanha de Trump, o México será severamente impactado pela queda do comércio interacional com os EUA. É esperada, no curto prazo, uma contração nos investimentos, especialmente na indústria, reduzindo as taxas de crescimento, que estão longe das médias históricas.

A economia peruana, por sua vez, continua se destacando, pois apresenta crescimento robusto em relação ao resto da região – situação impulsionada principalmente pela maior produção do setor de mineração.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

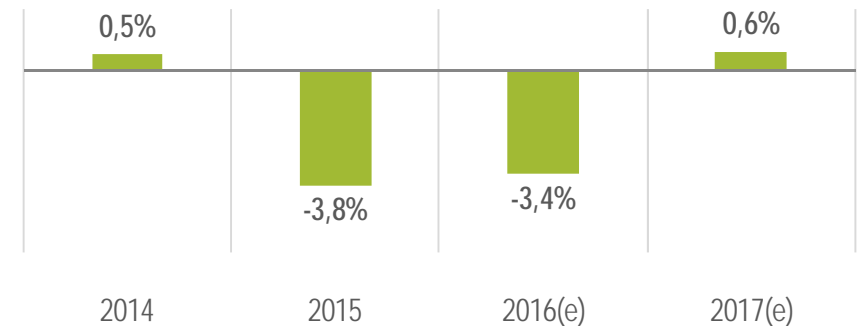
PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

O PIB brasileiro registrou contração de 0,8% no 3º trimestre de 2016, frente ao trimestre imediatamente anterior. Essa foi a sétima queda consecutiva nessa base de comparação, mostrando que a crise iniciada em meados em 2014 se confirma como a mais profunda e persistente da história do país. Vale destacar que a variação do PIB encontra-se no campo negativo para todas as bases de comparação. Até o 3º trimestre, o PIB nacional recuou 4% ante igual período de 2015. Já no acumulado em quatro trimestres encerrados no 3º trimestre de 2016, o recuo foi de 4,4%.

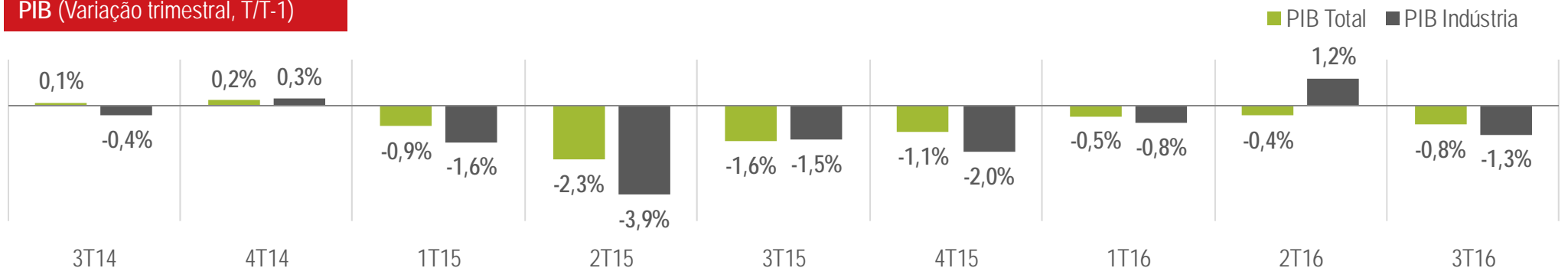
Pela ótica da oferta, no 3º trimestre, a agropecuária registrou o maior recuo frente ao trimestre imediatamente anterior (-1,4%), seguido da indústria (-1,3%) e dos serviços (-0,6%). Já pela ótica da demanda, destaca-se a queda dos investimentos (-3,1%), que voltaram ao campo negativo após registrar leve crescimento (0,5%) no 2º trimestre.

O resultado dos últimos trimestres sugere que a recuperação econômica será lenta. As expectativas são de queda de 3,4% em 2016, seguida de crescimento de 0,6% em 2017.

PIB (Var. % anual)



PIB (Variação trimestral, T/T-1)



Fonte: IBGE e IBRE/FGV. | (e)Estimativas: IBRE/FGV.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

À exceção das exportações, todos os demais componentes do PIB registraram queda no acumulado até o 3º trimestre de 2016. Pela ótica da oferta, após dois anos de crescimento consecutivos, a agropecuária teve o maior recuo na comparação com igual período de 2015, com contração de 6,9%. A indústria, ainda fortemente influenciada pelo ajuste da produção realizado desde 2014, registrou retração de 4,3% no período. Por fim, os serviços, principal setor responsável pela geração da renda no país, recuou 2,8% no acumulado do ano. O setor foi influenciado principalmente pela queda no comércio (-7,2%) e nos serviços de transporte, armazenagem e correio (-6,9%), que seguem sofrendo os fortes impactos negativos da queda da renda.

Pela ótica da demanda, apenas as exportações registraram crescimento até o 3º trimestre de 2016, avançando 5,2% ante igual período de 2015. Vale destacar o recuo de 11,6% dos investimentos, desempenho que pode comprometer a capacidade produtiva futura da economia. O consumo, que recuou 4,7% no período, segue negativamente impactado pela retração da renda, resultante da forte deterioração do mercado de trabalho.

Finalmente, em quatro trimestres, o PIB acumula contração de 4,4% frente os quatro trimestres imediatamente anteriores. Destacam-se os recuos de 5,6% para a agropecuária, na ótica da oferta, e 14,8% das importações, na ótica da demanda.

		PIB (Var. % acumulada no ano)			ESTIMATIVAS ANUAIS	
		2014	2015	2016*	2016 ^(e)	2017 ^(e)
OFERTA	Agropecuária	2,8%	3,6%	-6,9%	-1,6%	3,3%
	Indústria	-1,5%	-6,3%	-4,3%	-4,1%	1,1%
	Serviços	1,0%	-2,7%	-2,8%	-2,6%	0,3%
DEMANDA	Consumo	2,3%	-3,9%	-4,7%	-3,8%	-0,1%
	Governo	0,8%	-1,1%	-0,7%	-1,3%	-0,5%
	Investimentos	-4,2%	-13,9%	-11,6%	-11,3%	2,4%
	Exportações	-1,1%	6,3%	5,2%	6,4%	4,4%
	Importações	-1,9%	-14,1%	-13,1%	-11,0%	4,5%
PIB		0,5%	-3,8%	-4,0%	-3,4%	0,6%



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUTO INTERNO BRUTO . MINAS GERAIS

No 1º semestre do ano, a indústria teve a principal contribuição para o resultado negativo do PIB do estado (-4,1%). O setor industrial mineiro, que segue sofrendo com a queda da indústria extrativa, registrou contração de 9,1% no período. O valor agregado da extração recuou 15,8% no 1º semestre, comparado a igual período de 2015, ainda impactado pela manutenção dos níveis deprimidos do preço do minério de ferro e pela paralisação da atividade após a queda da barragem em Mariana, em novembro de 2015.

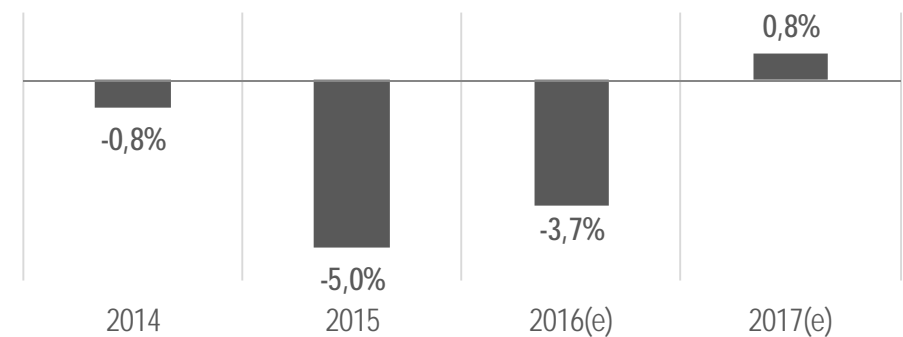
Contribuíram, ainda, para o desempenho fraco da indústria, o setor automotivo, que registra queda de 17,2% na produção física até setembro/16, e o de construção, cujo valor adicionado recuou 9,2% ao longo do 1º semestre do ano. Ambos continuam sendo negativamente impactados pela deterioração do mercado de trabalho, da renda e das condições creditícias no país.

Destaca-se o resultado positivo da agropecuária, com avanço de 7,2% no valor adicionado, sendo beneficiado especialmente pelas boas safras de soja e café no ano.

No acumulado em quatro trimestres encerrados no 2º trimestre de 2016, o PIB registrou recuo de 5%, novamente refletindo a forte queda do setor industrial do estado nessa base de comparação (-9,6%).

Espera-se que o PIB mineiro encerre 2016 com uma contração de 3,7% ante 2015. Para 2017, com a expectativa de manutenção da tendência de melhor desempenho relativo dos estados mais beneficiados pelos ganhos de competitividade do câmbio, espera-se um crescimento de 0,8% no PIB, resultado possível também pela fraca base de comparação.

PIB (Var. % anual)



PIB (Var. % acumulada no ano)

		2014	2015	2016*
OFERTA	Agropecuária	-6,4%	-2,6%	7,2%
	Indústria	-2,6%	-9,0%	-9,1%
	Serviços	0,4%	-2,9%	-2,8%
PIB		-0,8%	-5,0%	-4,1%



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

Acumulado no Ano	-7,8%
Acumulado 12 meses	-8,8%
2016 ^(e)	-6,2%
2017 ^(e)	1,2%

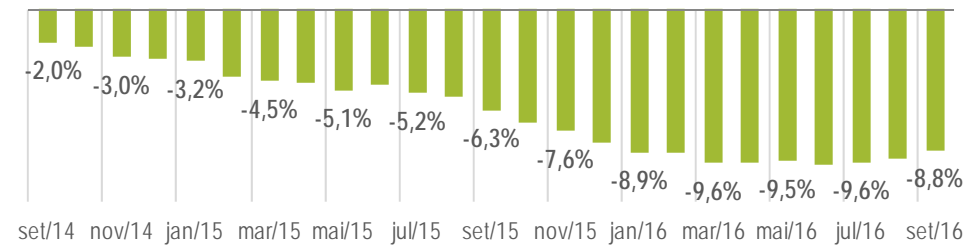
PRODUÇÃO INDUSTRIAL . BRASIL

A produção industrial recuou 7,8% no acumulado do ano até setembro, com recuo de 12,6% no setor extrativo e de 7,0% na transformação. Os setores com piores resultados foram a produção de fumo (22,6%), eletroeletrônicos (21,4%), outros equipamentos de transporte (21,3%) e o setor automotivo (16,9%). Os únicos segmentos industriais com comportamento positivo no ano foram o de alimentos e o de papel e celulose, ambos registrando crescimento de apenas 2,0% nessa mesma base de comparação.

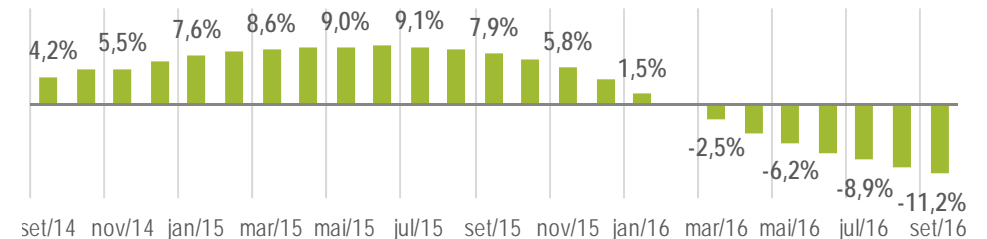
A indústria brasileira fechará mais um ano em queda. As projeções do Boletim Focus do Banco Central sugerem um recuo de 6,2% no encerramento do ano. Vale lembrar que, em 2015, a produção retraiu-se 8,3%, e em 2014, 3,0% – um quadro que marca a grave deterioração do setor no país.

Para 2017, a expectativa é de uma leve recuperação de 1,2%, condicionada à retomada da demanda e dos investimentos, o que ainda é incerto, dado o cenário político tumultuado que tem impactado negativamente a confiança dos agentes econômicos na margem.

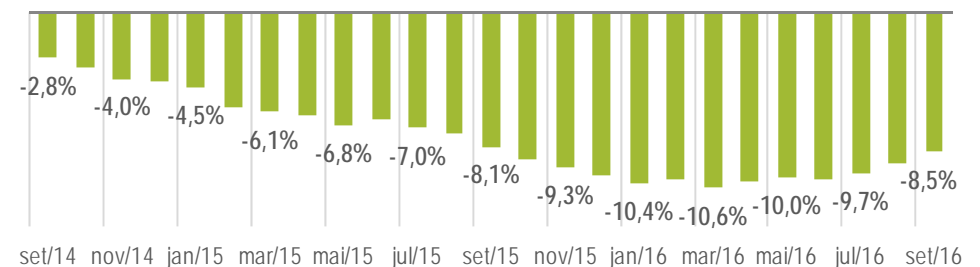
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

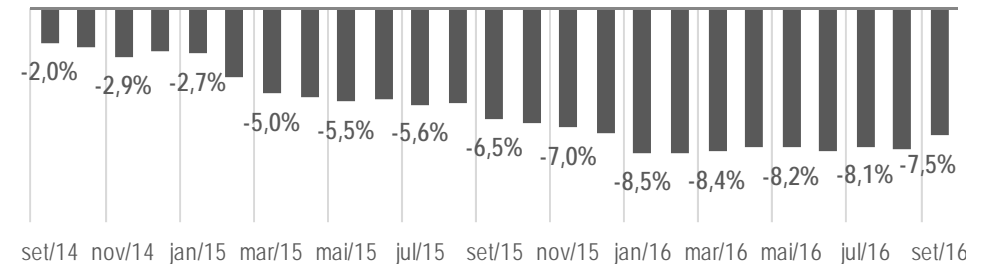
Acumulado no Ano	-6,9%
Acumulado 12 meses	-7,5%
2016 ^(e)	-7,0%
2017 ^(e)	0,9%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . MINAS GERAIS

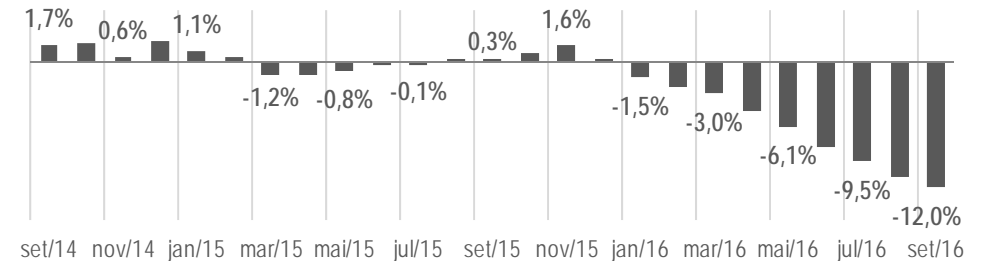
A produção industrial mineira exibiu queda de 6,9% no acumulado do ano até setembro. A indústria extrativa recuou 14,5% e a de transformação, 4,0%. Os segmentos da transformação com os piores resultados nessa base de comparação foram a produção de máquinas e equipamentos (29,6%), o setor automotivo (17,2%) e de produtos de metal (13,0%). Por outro lado, os destaques positivos para a atividade no estado foram a produção de bebidas (9,7%), de alimentos (5,0%), de outros produtos químicos (5,1%) e de papel e celulose (3,5%).

Estima-se que, ao encerrar o ano, o total produzido pela indústria do estado seja 7,0%, resultado inferior à produção de 2015. Para o próximo ano, espera-se uma pequena recuperação, com crescimento de 0,9%.

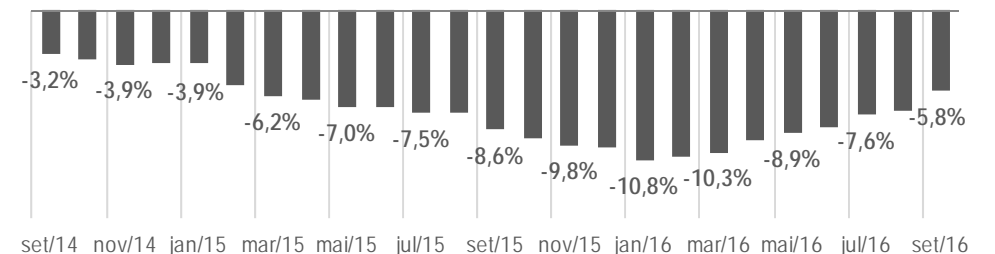
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)



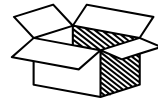
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS
(VAR. % ACUMULADA EM 12 MESES)*



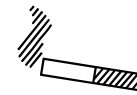
Alimentos
1,7%



Celulose e Papel
1,0%



Indústria Extrativa
-11,3%



Fumo
-19,5%



Outros Equipamentos de Transportes
-20,8%



Veículos Automotores
-21,8%



Equipamentos Eletroeletrônicos
-25,6%



Bebidas
9,1%



Alimentos
5,7%



Indústria Extrativa
-12,0%



Produtos de Metal
-12,5%



Produtos Têxteis
-13,2%



Veículos Automotores
-23,2%



Máquinas e Equipamentos
-33,0%

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

	BRASIL	MINAS GERAIS
2014	-1,9%	-5,9%
2015	-8,9%	-17,1%
ACUMULADO NO ANO	-13,1%	-13,7%
ACUMULADO 12 MESES	-13,3%	-15,4%

CENÁRIO BRASIL
E MINAS GERAIS

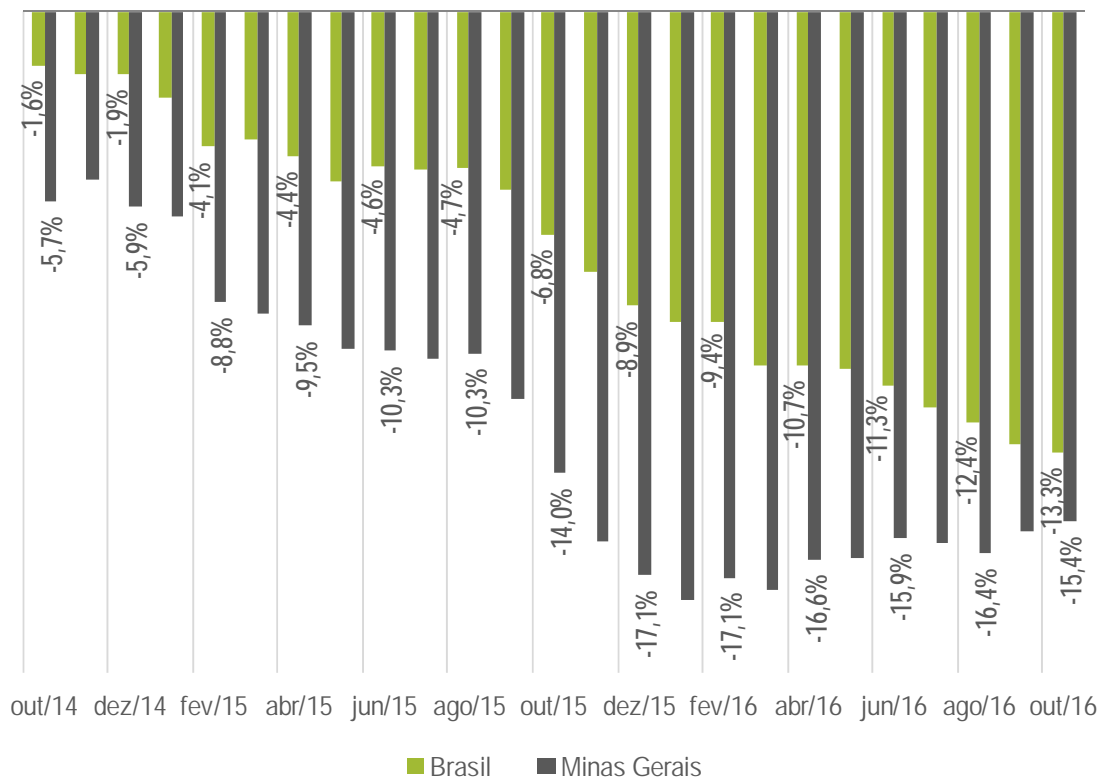
FATURAMENTO

O faturamento da indústria de transformação de Minas Gerais recuou 13,7% no acumulado do ano até outubro, contra o mesmo período de 2015. Os decréscimos nas vendas para o mercado nacional e nas exportações explicaram o resultado. Contudo, a queda no faturamento vem apresentando moderação desde fevereiro de 2016. Na média dos últimos 12 meses, observou-se uma contração de 15,4%, o menor recuo verificado desde outubro de 2015. Na indústria nacional, o faturamento real também registrou decréscimo no ano. De janeiro a outubro de 2016, o faturamento industrial caiu 13,1%, enquanto, nos últimos 12 meses, a retração foi de 13,3%.

Vale ressaltar que, assim como nos anos anteriores, as quedas no faturamento em Minas Gerais foram superiores às registradas no Brasil – reflexo do maior grau de concentração da indústria mineira.

Estimamos recuo de aproximadamente 13,0% no faturamento real da indústria geral de Minas Gerais em 2016. A projeção para 2017, no entanto, é uma leve recuperação em torno de 1,0% no ano.

FATURAMENTO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
Acumulado no Ano*	-4,7%	-5,0%
Acumulado 12 meses*	-5,0%	-5,4%

SERVIÇOS

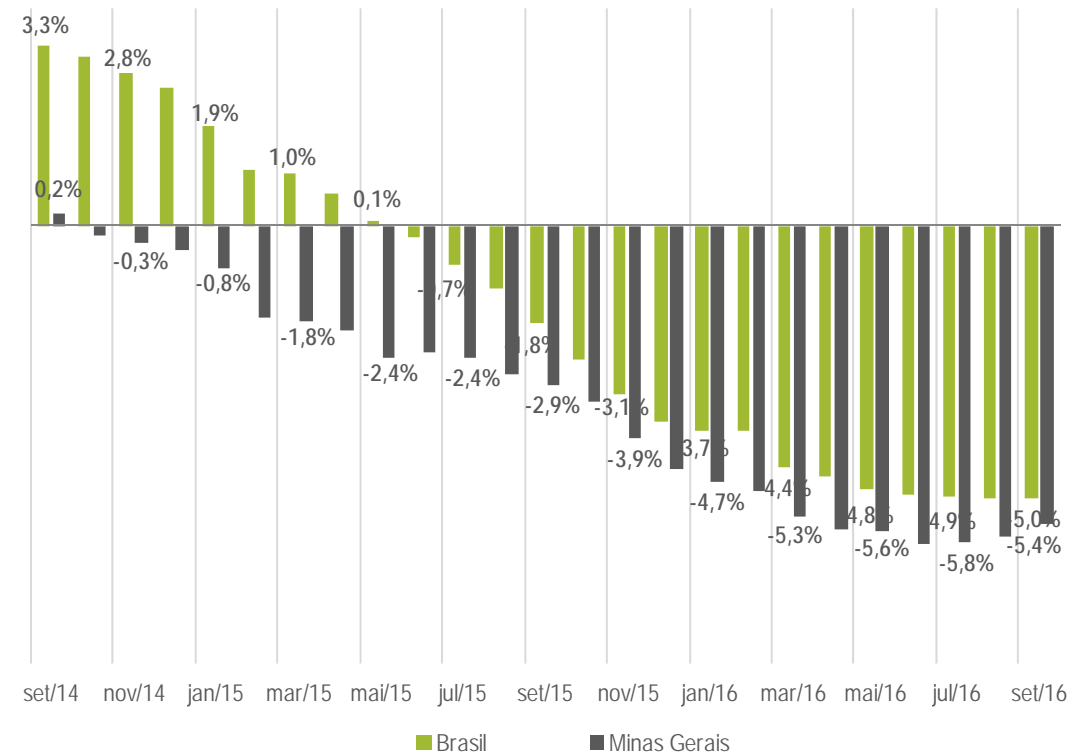
O volume de produção do setor de serviços no Brasil acumula retração de 4,7% até setembro/16, após ter recuado 3,6% em 2015. Em 12 meses, a queda é de 5%. Em Minas Gerais, o desempenho do setor é inferior ao nacional, com contração de 5% até setembro/16 e de 5,4% em 12 meses.

Dada a forte contração da atividade industrial e do varejo, o subsetor de transportes, serviços auxiliares e correios tem sido fortemente impactado negativamente (-6,9% no acumulado do ano), puxando para baixo o setor de serviços como um todo.

Vale destacar que o setor de serviços vem exibindo moderação na margem, com recuo de 0,5% no 3º trimestre, após quedas de 1,1% no 2º trimestre e de 1,4% no 1º trimestre.

Para 2017, o setor deve inverter a tendência negativa, com leve recuperação. A queda da renda das famílias, resultante do crescimento do desemprego, continuará a ser um fator limitante a uma expansão mais forte da atividade.

VOLUME DE SERVIÇOS (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

	BRASIL	MINAS GERAIS
TOTAL (Acumulado no Ano)*	-6,5%	-1,0%
TOTAL AMPLIADO (Acumulado no Ano)*	-9,2%	-5,0%
TOTAL (Acumulado 12 meses)*	-6,6%	-1,2%
TOTAL AMPLIADO (Acumulado 12 meses)*	-10,0%	-5,6%

VENDAS NO VAREJO

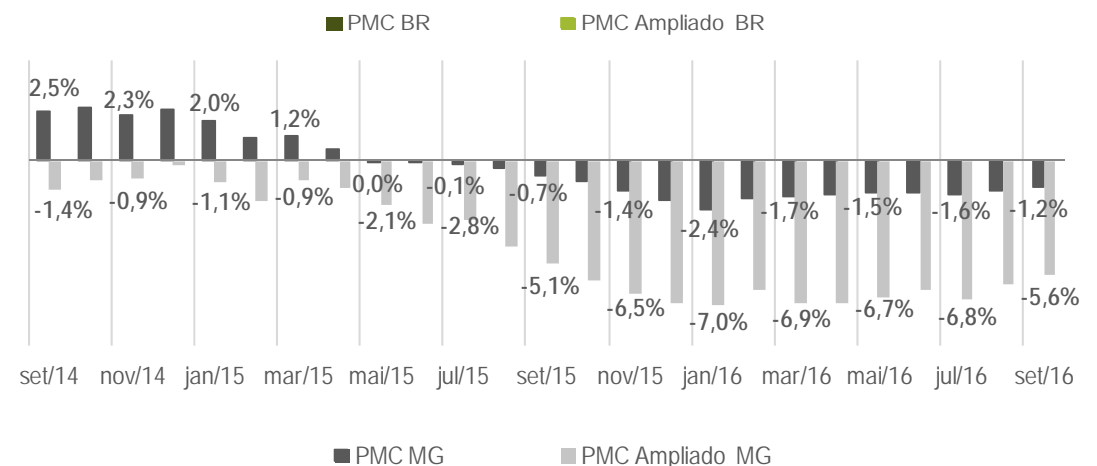
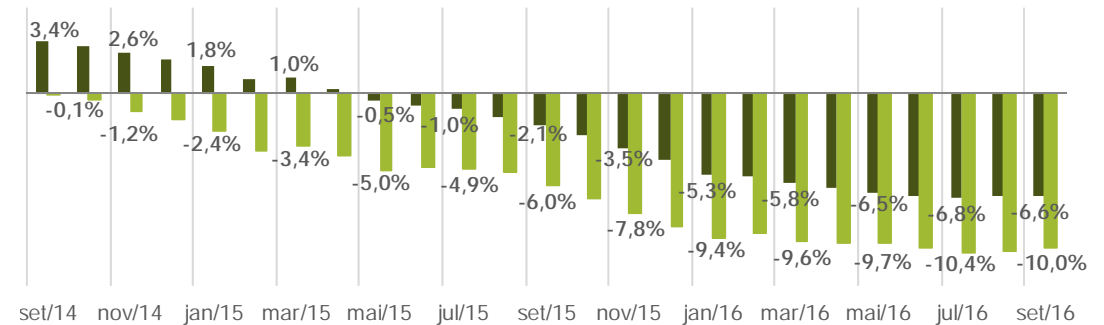
As vendas no varejo restrito acumulam, até setembro, queda de 6,5% para o Brasil e de 1% para Minas Gerais. Em 12 meses, as vendas caíram 6,6% no país e 1,2% no estado.

No acumulado até setembro/16, todas as atividades pesquisadas apresentaram contração das vendas frente a igual período de 2015, com as maiores quedas sendo registradas em 'livros, jornais, revistas e papelaria' (-16,9%), 'equipamentos e material para escritório, informática e comunicação' (-14,7%) e 'móveis e eletrodomésticos' (-13,6%). A ampla disseminação dos resultados negativos do comércio pelo segundo ano consecutivo demonstra que o consumo segue influenciado pelas restrições creditícias, pelo alto nível de endividamento das famílias e pelo aumento no desemprego.

No comércio ampliado¹, como reflexo da forte queda das vendas de veículos (-14,6%) e de material de construção (-12%), o indicador recuou 9,2% no Brasil e 5,0% em Minas Gerais, no acumulado do ano.

Para 2017, a persistência do desemprego nos níveis atuais deve comprometer uma recuperação mais forte das vendas. Assim, as expectativas são de queda de 5,2% do comércio restrito ao final do ano, seguido de um pequeno crescimento de 1,5% em 2017. Para o comércio ampliado, as estimativas são de contração de 7,3% em 2016 e de crescimento de 1,8% em 2017.

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA (Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE. | *até setembro/16

¹PMC Ampliada: inclui veículos e motocicletas, partes e peças, material de construção.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EMPREGO

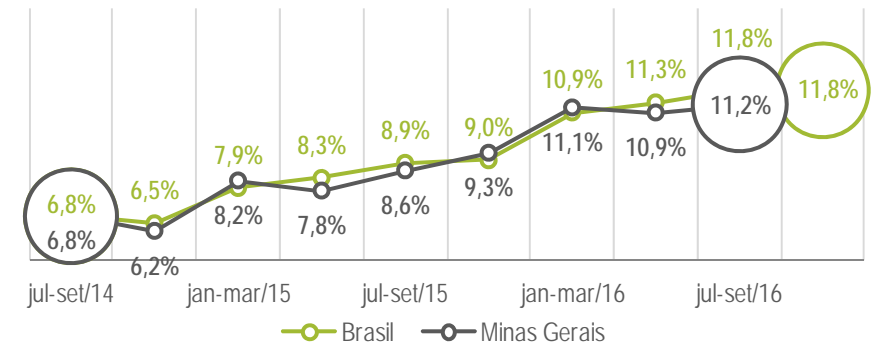
A taxa de desemprego no Brasil registra elevação desde 2015. De acordo com os resultados da PNAD Contínua/IBGE, no trimestre móvel encerrado em outubro/16, a taxa de desemprego foi estimada em 11,8%, mantendo-se estável em relação ao trimestre móvel imediatamente anterior, encerrado em setembro/16. Essa é a maior taxa desde o início da pesquisa em 2012. No trimestre móvel encerrado em janeiro de 2015, a taxa situava-se em 6,8%, e no trimestre encerrado em janeiro/16, era de 9,5%.

O número de desempregados totalizou 12 milhões no trimestre móvel agosto-outubro/16. O número de empregados foi estimado em 90 milhões. Nos primeiros meses do ano, constatou-se aumento na entrada de pessoas no mercado de trabalho em busca de uma ocupação, pressionando ainda mais a taxa de desemprego. A partir do meio do ano, a pesquisa detectou a continuidade das demissões, tendo em vista o cenário de grave crise econômica, mantendo pressionada a taxa de desemprego, conjugada com a saída de pessoas da PEA, aumentando o contingente de inativos no período.

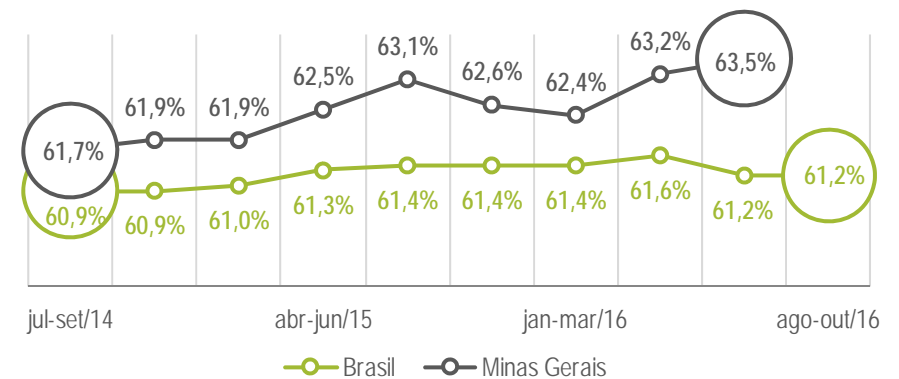
Em Minas Gerais, verificou-se uma deterioração adicional do mercado de trabalho em 2016. Os últimos dados divulgados para o estado, correspondentes ao 3º trimestre, estimaram uma taxa de desemprego de 11,8% da PEA – também a maior da série histórica. O mesmo ocorreu na região metropolitana de Belo Horizonte, onde a taxa chegou a 14,4%.

Estima-se uma taxa de desemprego de 11,5% no encerramento do ano e de 12,2% ao final de 2017.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO TRIMESTRAL (%)



TAXA DE PARTICIPAÇÃO TRIMESTRAL* (%)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGOS

Segundo os registros do CAGED do Ministério do Trabalho, a geração de emprego formal no Brasil acumulou um saldo negativo de cerca de 752 mil postos de trabalho nos dez primeiros meses do ano, sendo 52,6% desse total em ocupações na indústria. Os principais setores industriais afetados pelas demissões foram os segmentos de construção, produtos de metal, minerais não metálicos e setor automotivo.

Em Minas Gerais, o saldo negativo no acumulado do ano até outubro/16 foi de 55 mil vagas – metade do resultado observado no mesmo período de 2015. A indústria respondeu por 54,3% desse saldo, com forte participação dos setores automotivo e de produtos de metal.

O mercado de trabalho responde, com um certo atraso, ao comportamento da atividade econômica. A evolução do saldo de empregos acumulados em 12 meses mostra que as demissões líquidas começaram timidamente a partir do 2º semestre de 2014, acelerando no final de 2015 e início de 2016. A desaceleração dos saldos negativos só passou a ser verificada a partir do 2º trimestre deste ano. Contudo, o mercado de trabalho permanece em contração, repercutindo na redução do nível de renda da população, com impacto negativo sobre a demanda de consumo, dificultando a recuperação econômica no país.

		BRASIL	MINAS GERAIS
ECONOMIA*	Jan a Out/15	-786.694	-110.990
	Jan a Out/16	-751.816	-55.180
	Out/16	-74.748	-5.889
INDÚSTRIA*	Jan a Out/15	-609.984	-80.527
	Jan a Out/16	-395.748	-29.936
	Out/16	-42.610	-2.526

DESTAQUES SETORIAIS POSITIVOS (Jan a Out/16)*

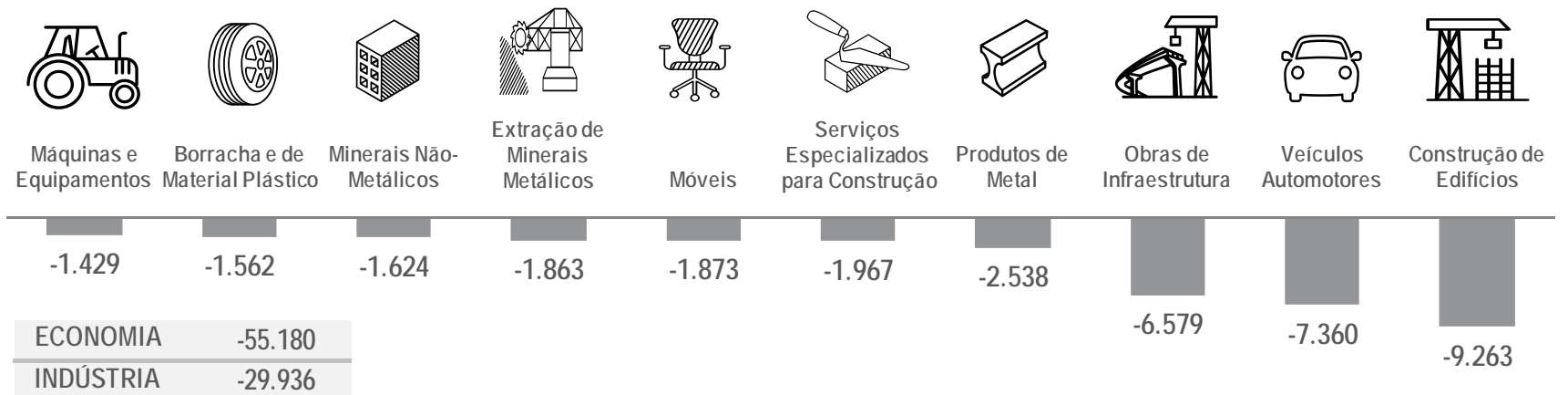
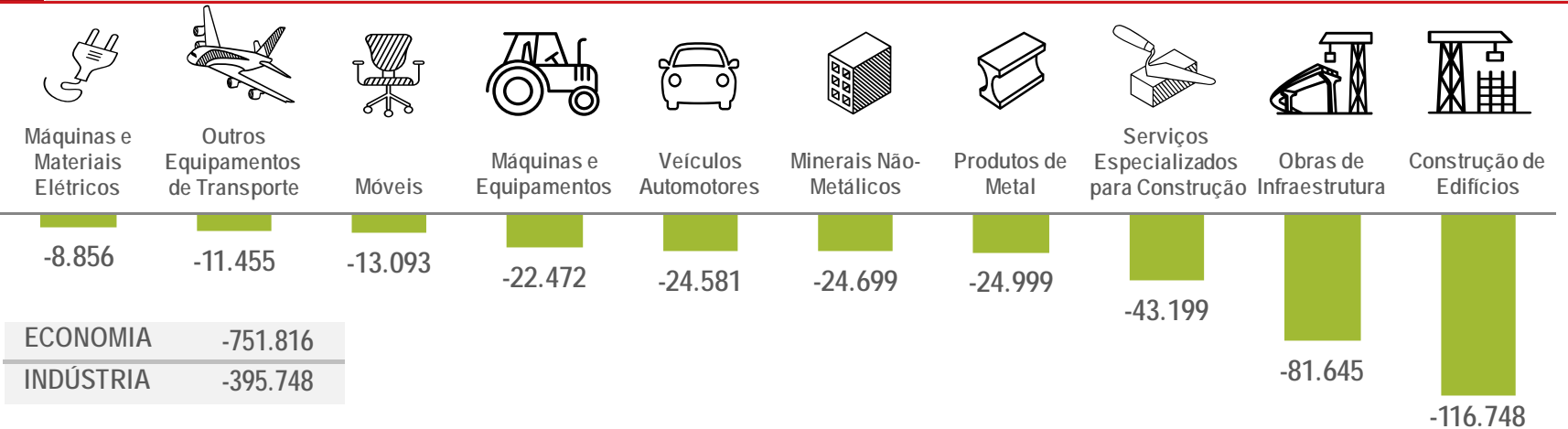


	CALÇADOS E COURO	ALIMENTOS	PRODUTOS QUÍMICOS	COQUE E COMBUSTÍVEL	PRODUTOS FARMACÊUTICOS
BRASIL	23.424	7.717	1.707	5.579	1.387
MINAS GERAIS	7.348	1.326	459	450	423

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGO

DESTAQUES SETORIAIS
(SALDO ACUMULADO DE JAN A OUT-16)*

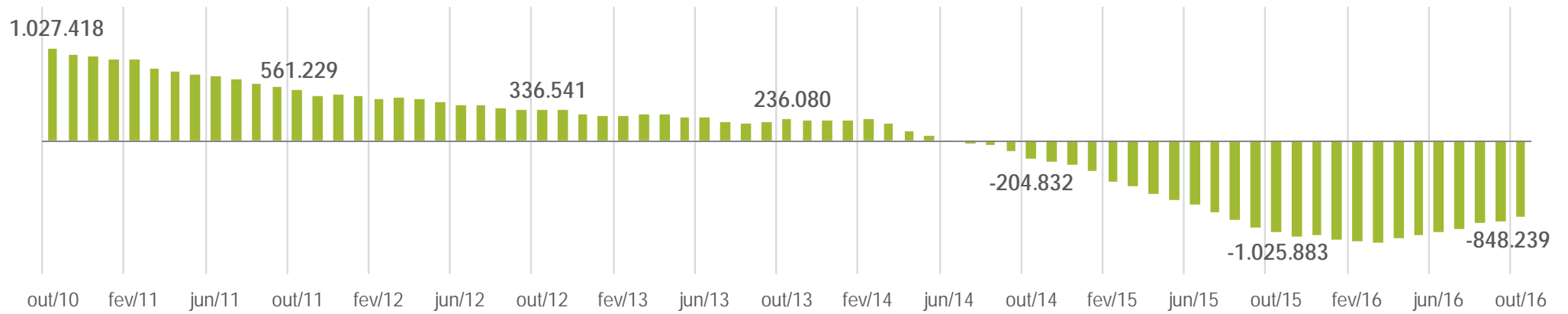




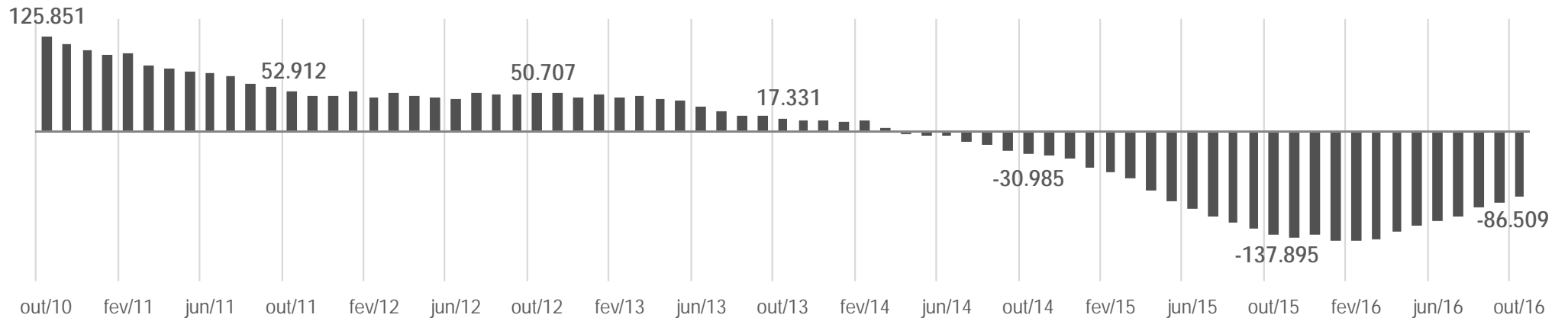
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGO INDUSTRIAL (Acumulado em 12 meses)

Brasil



Minas Gerais



Fonte: MTPS. | *Dados com ajuste. Para as informações fora do prazo, foram coletados dados de janeiro de 2015 a setembro de 2016.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

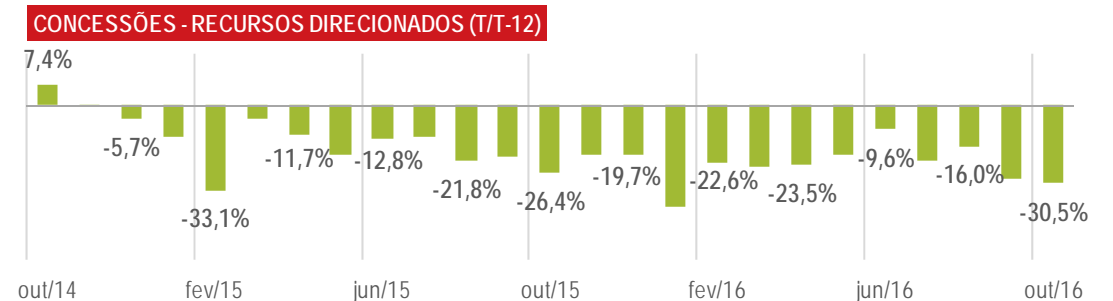
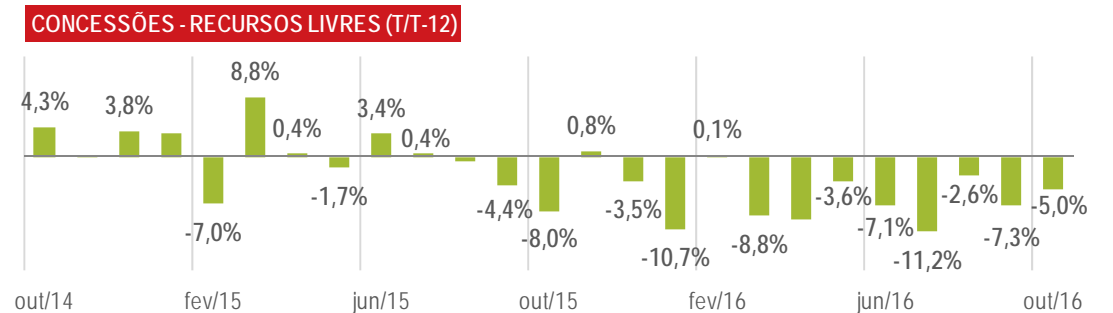
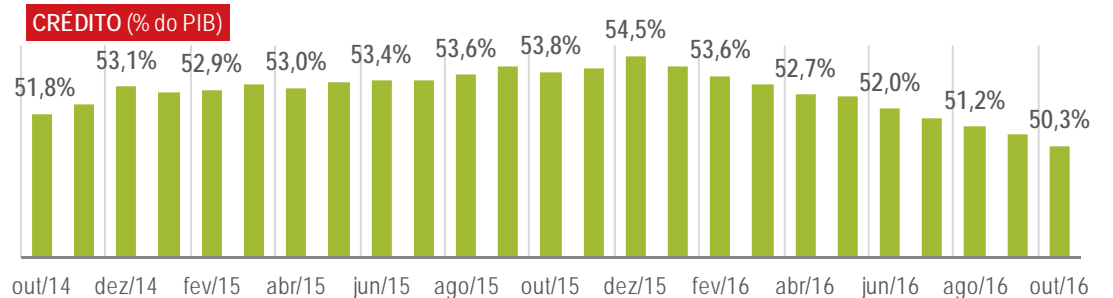
CRÉDITO E CONCESSÕES . BRASIL

O crédito, como proporção do PIB, exibiu gradual recuo ao longo de 2016 (-4,2 p.p. nos primeiros dez meses do ano, para 50,3%). Em volume, o crédito total declinou 2,0%, em termos nominais, de outubro/15 a outubro/16 (-9,1% em termos reais, deflacionados pelo IPCA).

O forte aperto no crédito em 2016 é evidenciado pelo comportamento das novas concessões, com queda nominal média de 8,6% até outubro, puxada por forte recuo nas novas operações com recursos direcionados (-23,3%, em termos nominais, na média dos dez primeiros meses do ano).

Ao contrário do ocorrido em 2015, a retração das concessões para pessoa física (PF) vem sendo superada pela contração para pessoa jurídica (PJ) em 2016, tanto em recursos livres quanto em recursos direcionados.

Nos últimos anos, ocorreu um rápido aumento da participação de instituições públicas no mercado de crédito. Ao longo de 2016, por outro lado, o maior avanço ocorreu por parte de instituições privadas nacionais, que ganharam 1,8 p.p. no crédito como proporção do PIB brasileiro (chegando a 31,2% em outubro/16). Instituições públicas aumentaram a sua participação em 0,4 p.p. para 56,2%. A contrapartida desses avanços foi o recuo de 2,2 p.p. na participação de instituições estrangeiras para 12,5% do PIB.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

TAXA MÉDIA DE INADIMPLÊNCIA

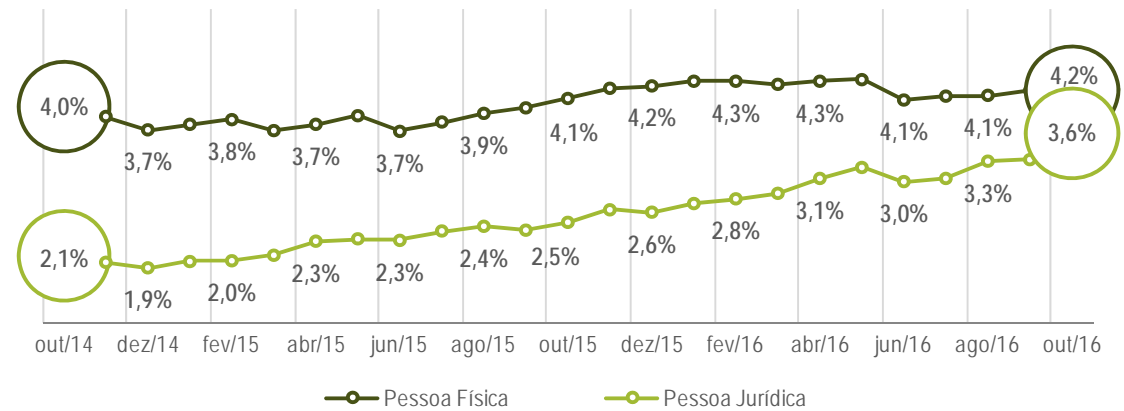
	PJ	PF
2013	2,1%	4,6%
2014	2,0%	4,0%
2015	2,3%	3,9%
JAN A OUT-16	3,1%	4,2%

INADIMPLÊNCIA E SPREAD . BRASIL

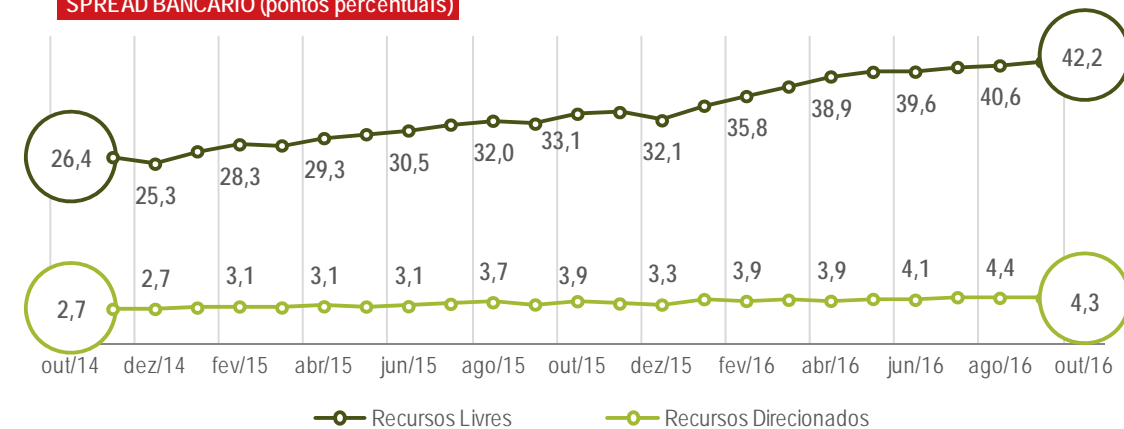
A inadimplência bancária (atrasos de mais de 90 dias) exibiu moderada elevação ao longo de 2016, a despeito da forte deterioração econômica no país, da elevada alavancagem com que as empresas brasileiras enfrentaram a desaceleração da sua receita bruta e do alto grau de comprometimento da renda das famílias com obrigações creditícias. Em outubro, a inadimplência para PF encontrava-se no mesmo patamar de dezembro/15 (4,2%), ao passo que, para PJ, no mesmo período, o indicador subiu 1,0 p.p. para 3,6%. Essa relativa estabilidade da inadimplência bancária foi possível, de acordo com o Bacen, graças ao agressivo programa de renegociações e reestruturações de crédito no âmbito do Sistema Financeiro Nacional ao longo do ano. O percentual de operações de crédito, que passou por renegociação ou reestruturação, supera 10% no segmento de pessoa física (PF) e 6% no segmento de pessoa jurídica (PJ).

O aumento no risco de crédito ocorrido ao longo do ano manifestou-se claramente por meio da elevação dos *spreads* bancários, sobretudo nas modalidades de crédito com recursos livres (crescimento de 10,1 p.p., para 42,2 p.p., entre dezembro/15 e outubro/16). Para 2017, espera-se que o início do ciclo de crescimento econômico coincida com a estabilização na trajetória dos *spreads*, que voltariam a cair quando a situação financeira de empresas e famílias for consistente com a queda nos indicadores de inadimplência.

TAXA DE INADIMPLÊNCIA (%)



SPREAD BANCÁRIO (pontos percentuais)



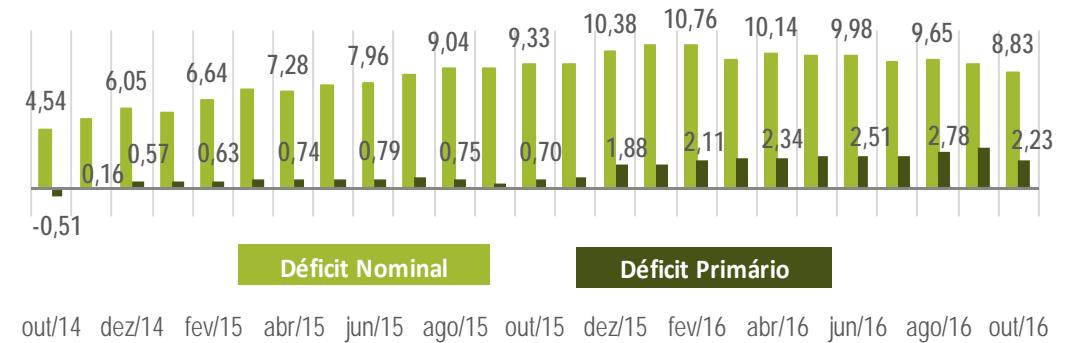
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

FINANÇAS PÚBLICAS . BRASIL

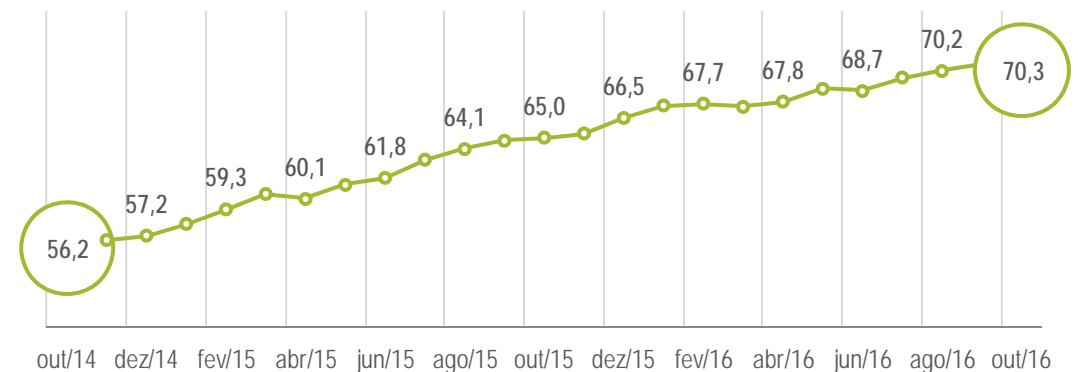
O setor público consolidado registrou déficits primários crescentes ao longo de 2016, atingindo R\$ 85,5 bilhões nos primeiros nove meses do ano. Em outubro, como resultado do aumento pontual de receitas de repatriação de recursos da ordem de R\$ 45 bilhões, o Governo Central (Tesouro Nacional, INSS e Banco Central) registrou superávit de R\$ 39,1 bilhões que, somado aos superávits de governos regionais e empresas estatais (R\$ 296 milhões e R\$ 166 milhões, respectivamente) trouxe o déficit primário acumulado no ano para R\$ 45,9 bilhões. No acumulado em 12 meses, o déficit primário caiu para 2,23% do PIB (3,08% em setembro/16). Se forem desconsideradas as receitas e despesas não recorrentes, o déficit primário ronda os 3,0% do PIB. O resultado nominal, que engloba despesas com juros, recuou para 8,83% do PIB nos doze meses encerrados em outubro/16 (aproximadamente 10,0% do PIB, desconsiderando itens não recorrentes no período).

A queda de receitas tributárias decorrente da contração econômica e o crescimento inercial das despesas explicam tanto a deterioração do resultado primário não recorrente quanto a elevação acelerada da relação dívida/PIB (crescimento de 14,1 p.p. entre outubro/14 e outubro/16). De acordo com o relatório Prisma Fiscal*, o mercado estima dívida bruta do governo geral de 73,5% do PIB ao final de 2016 e de 78,2% em 2017. Contudo, se o pagamento de R\$ 100 bilhões de empréstimos do BNDES ao Tesouro for, conforme anunciado, integralmente revertido para o abatimento de dívida pública, cada uma das estimativas acima cairiam em 1,6 p.p.

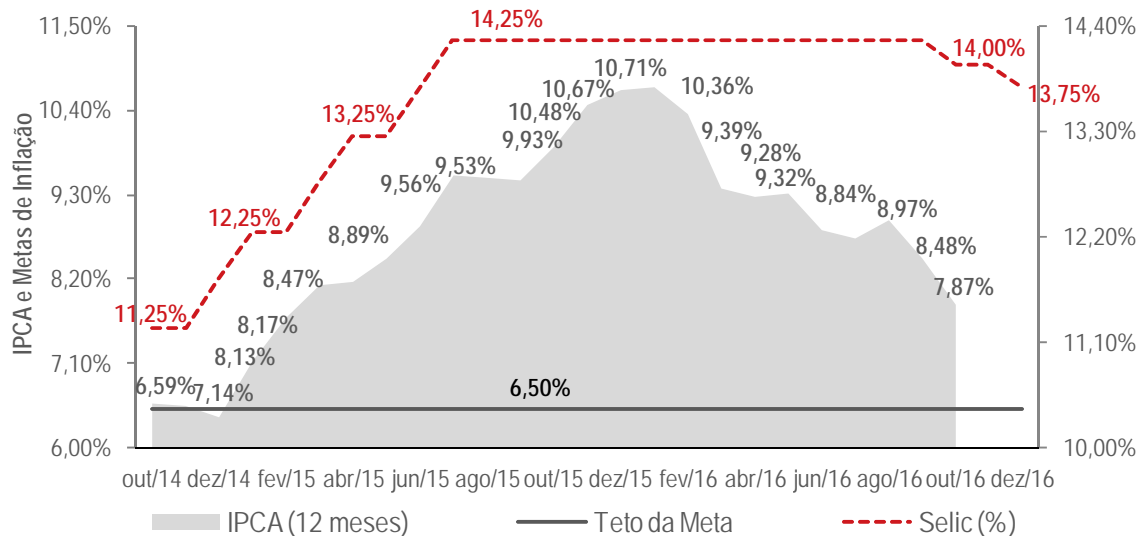
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (%PIB)



DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (%PIB)



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS



INFLAÇÃO E JUROS . BRASIL

A inflação do IPCA desacelerou mais que o previsto no 2º semestre de 2016. As quedas dos preços de produtos alimentícios, que estavam entre os principais determinantes das pressões inflacionárias em meses anteriores, foram determinantes para esse resultado. Recuos substanciais na dinâmica dos preços administrados em relação ao comportamento registrado em 2015 também foram fundamentais no estabelecimento da trajetória de desinflação em 2016. Outros fatores que vêm ganhando cada vez mais relevância na evolução do IPCA, neste ano, são o impacto acumulado da longa recessão sobre o emprego e a renda das famílias e o aperto das condições de crédito, em função da manutenção de elevado percentual de comprometimento da renda com o pagamento de obrigações financeiras. Com isso, os componentes de serviços no IPCA exibem desaceleração cada vez mais forte. Por fim, a apreciação cambial, registrada em 2016, tem limitado o impacto inflacionário da forte desvalorização do ano anterior.

Fonte: Banco Central do Brasil e IBGE.

GRUPOS DO IPCA (Out/16)	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
Índice Geral	5,78%	7,87%
Alimentação e Bebidas	8,74%	12,39%
Habituação	3,14%	4,43%
Artigos de Residência	3,90%	4,70%
Vestuário	3,00%	5,01%
Transporte	2,80%	5,33%
Saúde e Cuidados Pessoais	9,88%	11,35%
Despesas Pessoais	6,43%	7,59%
Educação	8,72%	9,20%
Comunicação	0,98%	2,46%

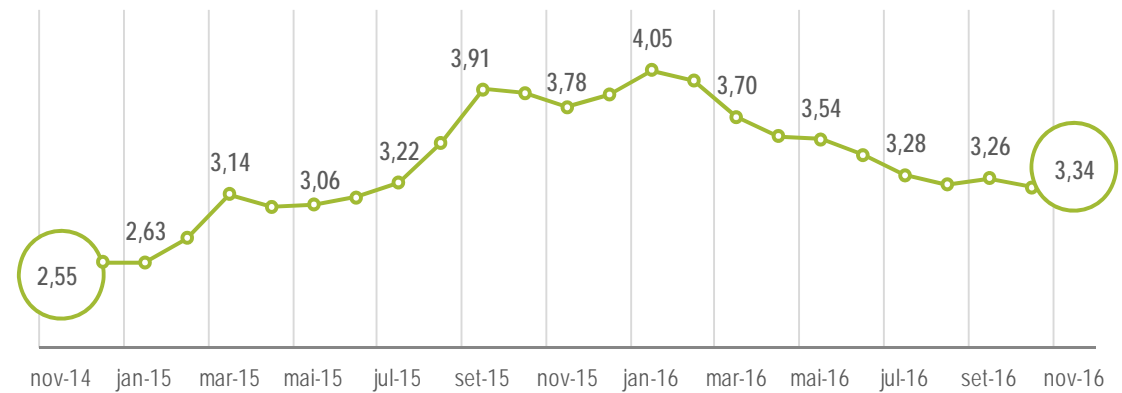
Diante desse contexto de desaceleração inflacionária, a nova diretoria do Bacen avaliou que o processo de convergência das expectativas inflacionárias de 2017 e 2018 para a meta inflacionária de 4,50% a.a. era consistente com o início de um processo de afrouxamento monetário. A meta para a taxa Selic foi reduzida em 0,25 p.p. nas reuniões do Copom de outubro e novembro, permanecendo 13,75% a.a. até a reunião de janeiro/17. No comunicado após a reunião de novembro, o órgão destacou a incerteza quanto ao cenário externo, a possibilidade de uma recuperação da atividade doméstica mais gradual do que a anteriormente antecipada e a velocidade na aprovação de reformas estruturais como fatores relevantes no processo de desinflação da economia brasileira. Consequentemente, a condução do processo de afrouxamento monetário no país será particularmente condicionada pela dinâmica desses fatores. O mercado estima a taxa Selic em 10,75% a.a. ao final de 2017.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

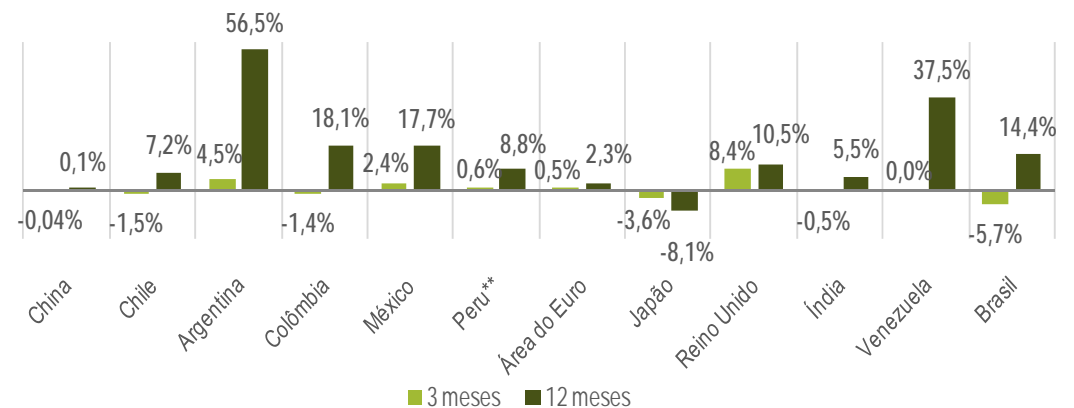
CÂMBIO . BRASIL

A média mensal da taxa de câmbio R\$/US\$ exibiu trajetória de gradual apreciação do Real em 2016, revertendo, em parte, a forte desvalorização registrada no ano anterior. Dentre os fatores que contribuíram para esse resultado, destacamos (1) a rápida redução do déficit na conta de Transações Correntes do Balanço de Pagamentos, (2) a evolução positiva dos termos de troca do país, com recuperação dos preços de *commodities* exportadas a partir de meados do 1º semestre e (3) a redução do risco-país, como consequência da mudança de orientação da política econômica. Ao mesmo tempo, o cenário externo, contando com diversos estímulos monetários, permitiu a manutenção de fluxos financeiros para países emergentes, como o Brasil. Contudo, desde meados do ano, ocorre um movimento de aumento da incerteza quanto à condução da política econômica em diversas economias maduras, fruto de resultados eleitorais, tais como a decisão de saída do Reino Unido da União Européia e a eleição de Donald Trump à presidência dos EUA, fortalecendo plataformas políticas contrárias à globalização em boa parte do continente europeu. Como resultado, os fluxos financeiros para economias emergentes perdem intensidade, explicando parte das oscilações recentes do real frente ao dólar. De acordo com a pesquisa Focus*, o mercado estima que a taxa de câmbio atinja 3,35 R\$/US\$ no final de 2016 e 3,40 R\$/US\$ no final do próximo ano, com cotação média em 3,40 R\$/US\$ ao longo de 2017.

TAXA MÉDIA MENSAL DE CÂMBIO (R\$/US\$)



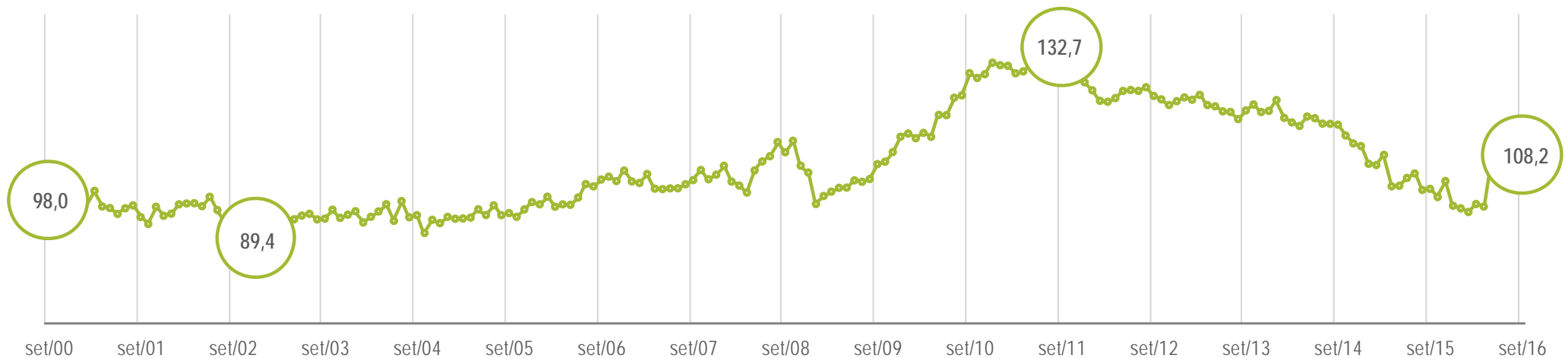
MOEDA LOCAL / DÓLAR AMERICANO (Var. %)*





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EVOLUÇÃO DOS TERMOS DE TROCA



TERMOS DE TROCA . BRASIL

Os termos de troca (razão entre os índices de preço das exportações e os índices de preço das importações) interromperam, em 2016, a trajetória de queda iniciada em 2011. Tanto os preços das exportações quanto os das importações estão abaixo dos valores registrados ao longo do ano anterior. No entanto, os preços de exportação exibiram recuperação a partir de março, com crescimento de 13,6%, destacando-se os produtos básicos (23,1%) e semimanufaturados (16,6%). Consequentemente, os termos de troca avançaram 11,5% entre março e setembro.

A estratégia das autoridades chinesas de incentivos ao mercado imobiliário naquele país impulsionaram o preço de *commodities* minerais no 1º semestre, favorecendo a balança comercial brasileira. Adicionalmente, o movimento de elevação de preços de *commodities* ganhou força no último trimestre do ano, favorecido pela perspectiva de moderação na produção mineral global. Tal cenário foi marcado pelo fechamento de minas pouco produtivas na China, pela possibilidade de que o governo Trump impulse investimentos em infraestrutura nos Estados Unidos (que se somarão à demanda chinesa) e pelo acordo entre países-membros da OPEP de limitação à produção de petróleo.

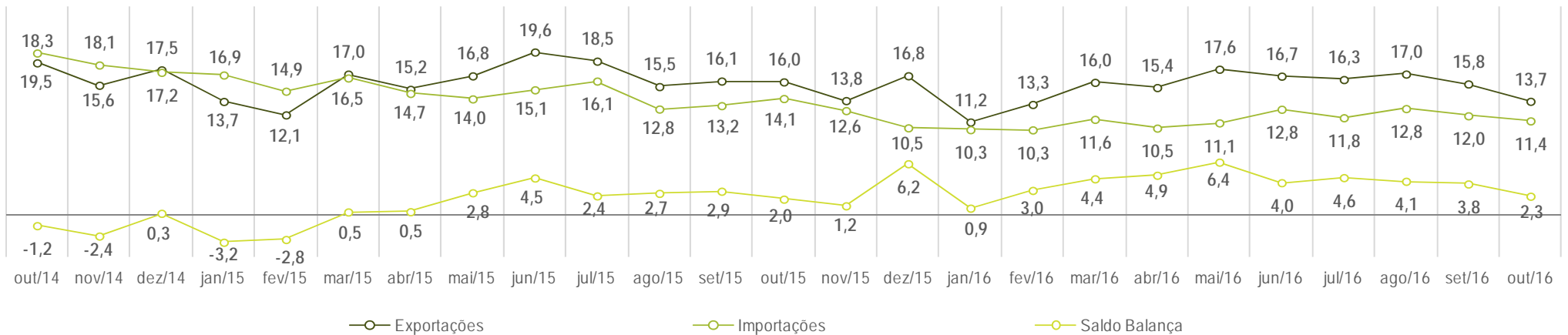


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

BALANÇA COMERCIAL - US\$ BILHÕES

BRASIL	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
OUT-16	13,7	11,4	2,3
OUT-15	16,0	14,1	2,0
ACUMULADO 2016*	153,1	114,6	38,5
ACUMULADO 2015*	160,5	148,3	12,2

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



SETOR EXTERNO - BALANÇA COMERCIAL . BRASIL

Entre janeiro e maio de 2016, as exportações registraram forte avanço, movimento que perdeu o ímpeto no 2º semestre de 2016, sinalizando que o movimento de valorização cambial ao longo do ano tem retirado competitividade dos produtos nacionais no mercado internacional.

A melhora dos indicadores de confiança de consumidores e empresários, aliada à apreciação cambial ocorrida ao longo de 2016, começa a impulsionar a retomada das importações, contribuindo para a redução do

ritmo de crescimento do saldo da balança comercial, que registrou sucessivas quedas mensais a partir de junho. Ainda assim, até outubro, o saldo é mais de duas vezes superior ao obtido em igual período de 2015, somando US\$ 38,5 bilhões. As expectativas são de um saldo positivo de US\$ 47 bilhões em 2016, seguido de novo superávit comercial de US\$ 44,07 bilhões em 2017.

Vale destacar que, para o próximo ano, a eleição de Donald Trump traz grande incerteza para o comércio internacional – especialmente se forem adotadas as medidas de protecionismo prometidas durante a campanha à presidência dos Estados Unidos, que é o segundo principal mercado das exportações brasileiras.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EXPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO (US\$ bilhões)

MINAS GERAIS	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS	TOTAL
Out-16 (US\$ bi)	1,1	0,5	0,3	1,9
Out-16/Out-15	-5,7%	0,1%	-12,3%	-5,6%
Acumulado no Ano (US\$ bi)	9,9	4,3	3,6	17,8
Acum. 2016/Acum. 2015	-3,6%	-2,9%	-8,4%	-4,5%

SETOR EXTERNO – EXPORTAÇÕES. MINAS GERAIS

Minas Gerais deve registrar novo recuo nas exportações em 2016, após queda de 24,9% em 2015, acompanhando o desempenho das vendas nacionais. No acumulado de janeiro a outubro, as exportações do estado foram 4,5% menores às verificadas em igual período de 2015. No acumulado em 12 meses, a contração foi de 7,9%.

Para o grupo de produtos básicos, responsável por 55,7% das exportações do estado, destaca-se o crescimento de 6,5% do *quantum* exportado de minério de ferro no ano. Entretanto, devido aos níveis deprimidos dos preços da *commodity*, o valor das exportações apresentou pequeno recuo de 0,4% entre janeiro e outubro de 2016, na comparação anual. Nesse grupo, destacaram-se, ainda, as vendas de soja, que acumularam alta de 10,1%, e de café, que caíram 9,9% até outubro.

O grupo de produtos manufaturados recuou 8,4% de janeiro a outubro, na comparação com igual período de 2015. Entre os cinco principais setores do grupo, contribuíram negativamente: 'partes e peças para veículos' (-27,5%), 'produtos farmacêuticos' (-23,4%) e 'siderurgia' (-19,4%). Com resultados positivos, destacaram-se as vendas de 'preparados químicos' (72,3%) e de 'veículos automotores' (3,9%).

Os principais destinos das exportações dos manufaturados mineiros continuam sendo a Argentina (25,6%) e os Estados Unidos (15,3%), embora as vendas para esses países tenham registrado quedas, em 2016, de 15,4% e 13,3%, respectivamente. Vale destacar o crescimento das exportações para os Emirados Árabes Unidos (177,9%), puxado pelas vendas de produtos siderúrgicos, fazendo com que esse país se tornasse o terceiro principal destino de manufaturados do estado neste ano. Com sinais de um cenário de maior protecionismo nos Estados Unidos, após a eleição de Donald Trump, o país árabe pode representar uma alternativa de mercado para o aço mineiro em 2017.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

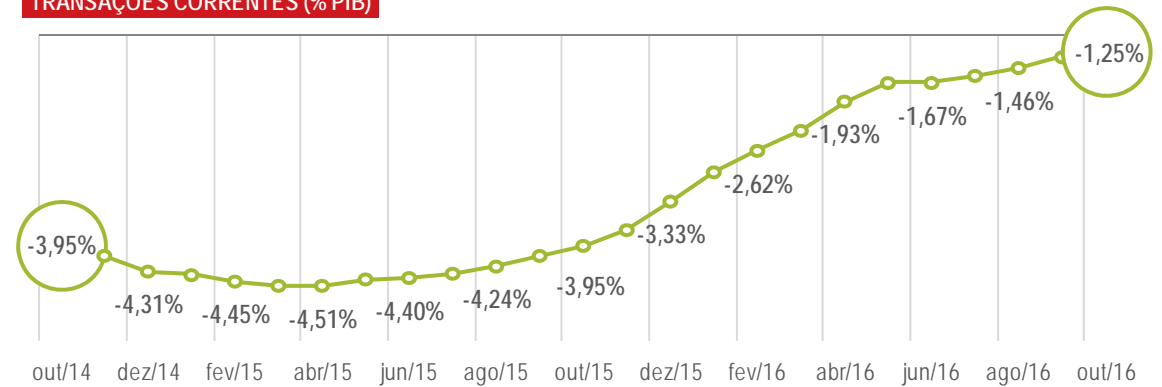
INVESTIMENTO DIRETO E TRANSAÇÕES CORRENTES . BRASIL

O déficit de transações correntes manteve a tendência de redução ao longo de todo o ano, refletindo a contínua desaceleração da atividade econômica, o que inibe importações. O resultado da balança comercial foi o principal determinante do acelerado fechamento do déficit externo, mas também vale destacar o recuo nos gastos de brasileiros em viagem ao exterior.

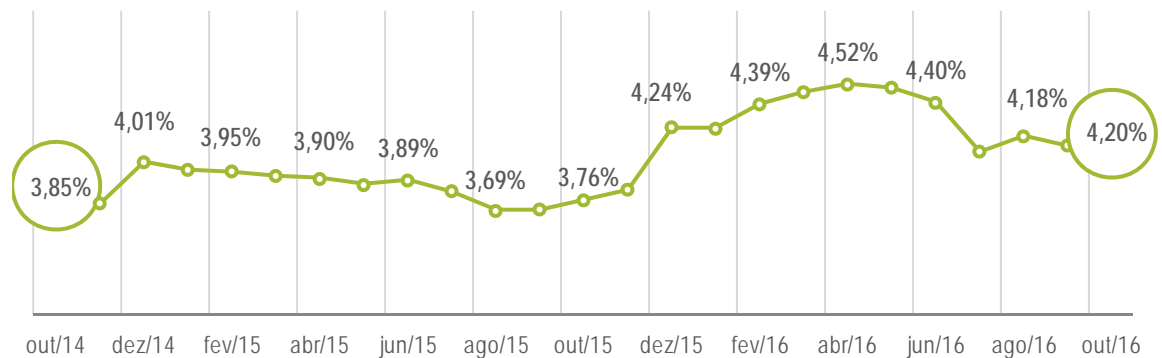
A expectativa para 2017 é de que a valorização cambial registrada em 2016 e a recuperação da atividade econômica sejam determinantes para interromper a trajetória de redução do déficit em transações correntes, estimado em 1,2% do PIB, ao final de 2016, e de 1,9% em 2017.

O ingresso de investimentos diretos financiou com folgas o déficit em transações correntes em 2016. Nos 12 meses encerrados em outubro, os ingressos líquidos de investimentos diretos no país totalizaram US\$ 75,1 bilhões (4,2% do PIB). A necessidade de financiamento externo (NFE) acumulada em 12 meses segue negativa desde novembro de 2015. Para 2017, estima-se fluxo de investimentos diretos da ordem de US\$ 70 bilhões.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

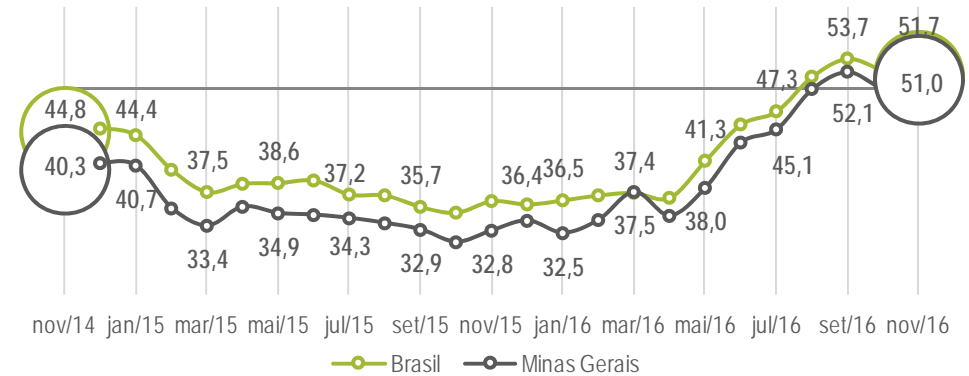
Em novembro, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) atingiu 51,0 pontos em Minas Gerais e 51,7 pontos no Brasil, mas perdeu intensidade na comparação com as duas últimas leituras.

Após 28 meses sucessivos apontando falta de confiança, em agosto de 2016, o índice superou a linha dos 50 pontos no Brasil e em Minas Gerais. Valores acima de 50 pontos indicam otimismo, enquanto abaixo indicam pessimismo.

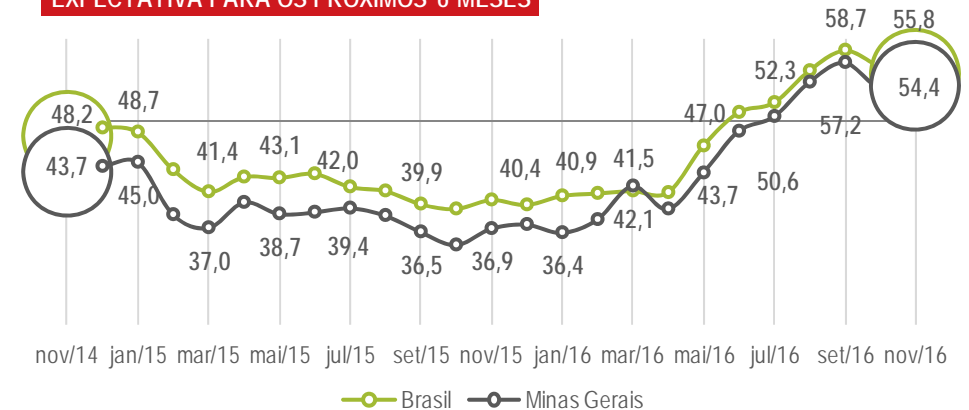
A recuperação do indicador ocorreu de forma gradativa desde o começo do ano. O índice avançou 15,2 pontos no Brasil e 17,0 pontos em Minas Gerais, até novembro. No entanto, em Minas Gerais, o indicador vem orbitando mais próximo à linha dos 50 pontos desde agosto de 2016, indicando que os empresários do estado estão cautelosos.

O indicador de expectativas para os próximos 6 meses voltou a situar-se acima dos 50,0 pontos desde meados do 1º semestre do ano. Em novembro, o índice perdeu intensidade, mas continuou apontando empresários otimistas em relação aos seis meses seguintes. Vale destacar, no entanto, que o indicador de expectativas dos empresários está abaixo da sua média histórica, tanto no país quanto no estado.

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI



EXPECTATIVA PARA OS PRÓXIMOS 6 MESES



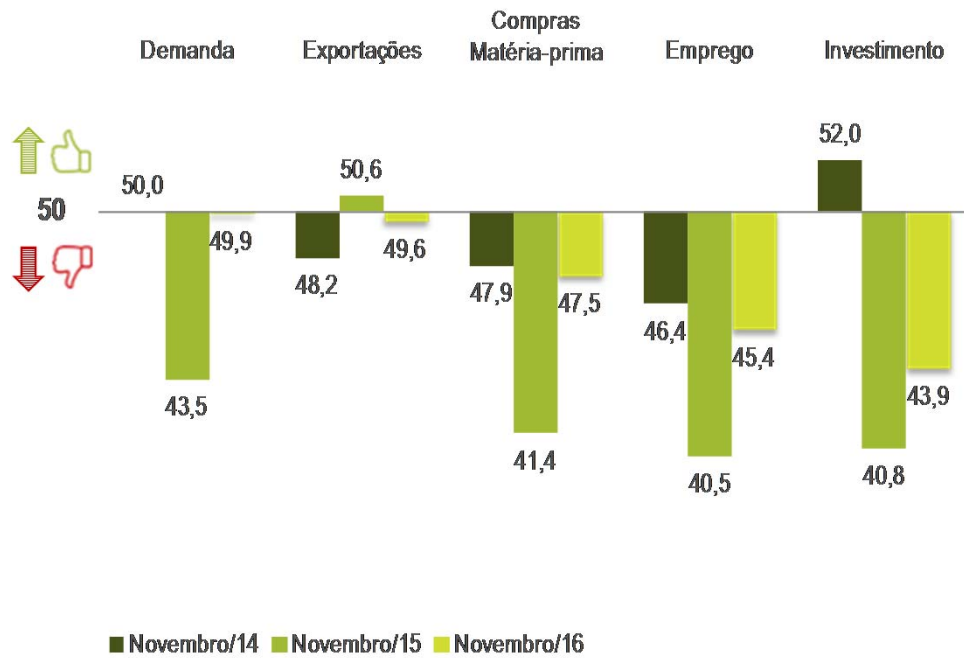


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

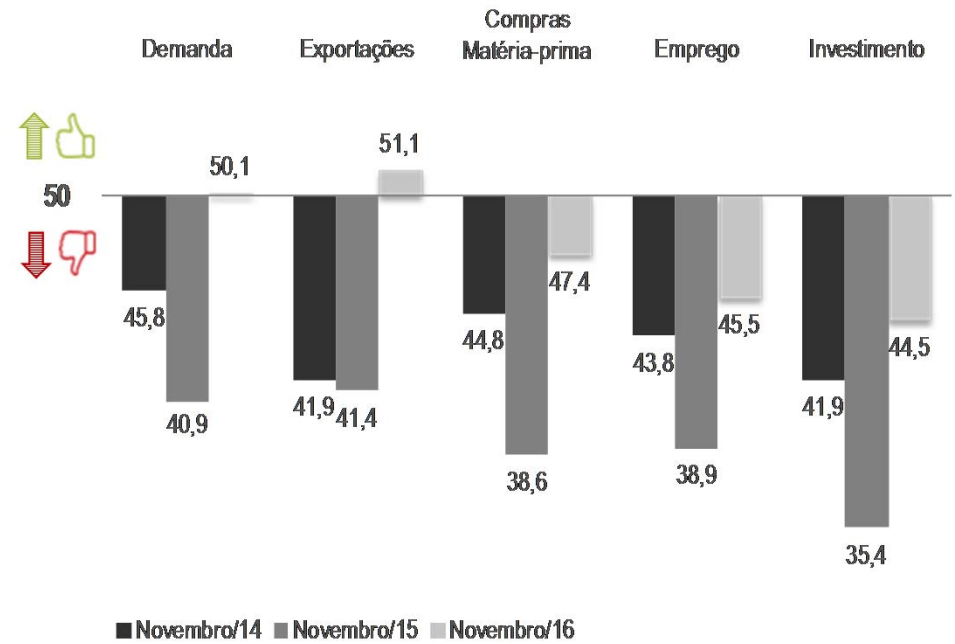


BRASIL SONDAGEM INDUSTRIAL – EXPECTATIVAS* MINAS GERAIS

BRASIL



MINAS GERAIS



Fonte: FIEMG e CNI. | *Expectativas para os próximos seis meses.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

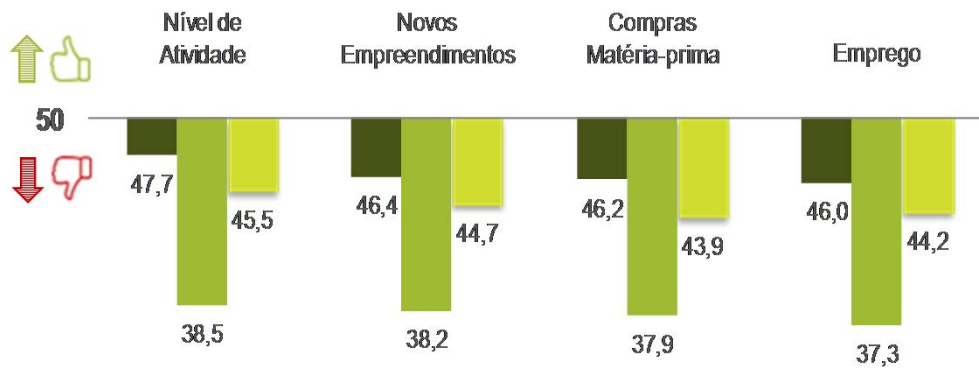


BRASIL

SONDAGEM DA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO – EXPECTATIVAS*

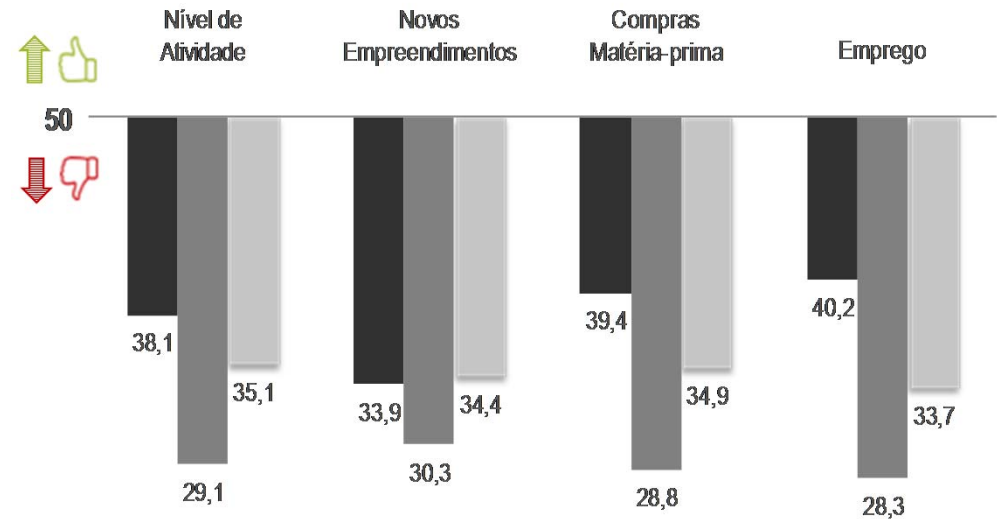
MINAS GERAIS

BRASIL



■ Novembro/14 ■ Novembro/15 ■ Novembro/16

MINAS GERAIS



■ Novembro/14 ■ Novembro/15 ■ Novembro/16



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PROJEÇÕES

BRASIL	2016	2017
PIB (%)	-3,49	0,98
Produção Industrial (%)	-6,23	1,21
Comércio restrito (%)*	-5,18	1,52
Comércio ampliado (%)*	-7,41	2,02
Massa Salarial Real (%)*	-5,35	-1,17
IPCA (%)	6,72	4,93
IGP-M (%)	7,18	5,22
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,35	3,40
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,45	3,40
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	13,75	10,75
Meta Taxa Selic - média do período (%a.a.)	14,16	11,69
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	45,40	50,79
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-19,00	-25,68
Balança Comercial (US\$ bilhões)	47,00	44,07
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	65,00	70,00

MINAS GERAIS	2016	2017
PIB (%)	-3,74	0,76
Produção Industrial (%)	-6,95	0,88
Comércio restrito (%)	-0,99	0,87
Massa Salarial Real - RMBH (%)	-3,01	0,38
Faturamento (%)	-12,97	0,96





CENÁRIO SETORIAL AUTOMOTIVO

PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/16 ¹	BRASIL	-17,0%	
	MINAS GERAIS	-17,2%	
FATURAMENTO JAN-OUT/16 ¹	BRASIL	-26,1%	
	MINAS GERAIS	-42,1%	
EXPORTAÇÕES JAN-OUT/16 ¹		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
	BRASIL	-7,9%	7,9%
	MINAS GERAIS	-10,2%	-4,1%

DESTAQUES

A produção do setor automotivo recuou de janeiro a setembro de 2016, tanto no Brasil quanto em Minas Gerais. A permanência dos elevados estoques de veículos no período obrigou as empresas a ajustarem o volume produzido ao menor nível de vendas, por meio de férias coletivas, paralisações e demissões. Vale ressaltar, contudo, que os índices de produção do Brasil e do estado vêm registrando desaceleração no ritmo de queda no decorrer do ano, indicando uma acomodação gradual da atividade.

A queda na produção acompanhou o decréscimo de 22,3% nos licenciamentos de veículo no acumulado até outubro deste ano, frente a igual período de 2015.

Paralelamente ao encolhimento da demanda interna, o mercado de trabalho do setor ficou pressionado, registrando o fechamento de 24.581 vagas no país e de 7.360 no estado entre janeiro e outubro de 2016. Apesar da queda no emprego, observa-se um recuo na intensidade da destruição de postos de trabalho, quando analisados os dados acumulados ao longo do ano.



PROJEÇÕES

A indústria automotiva deverá fechar 2016 com quedas de 14,1% na produção e de 18,7% nas vendas internas de veículos, sendo este o terceiro ano seguido em que o setor apresenta desempenho negativo.

Para o próximo ano, espera-se uma evolução nas concessões de crédito e melhora na confiança dos agentes, o que dependerá, em grande medida, de notícias positivas no *front* econômico. Com isso, e considerando a fraca base de comparação em 2016, a perspectiva para 2017 é de incrementos de 17,0% e 9,9% na produção e nas vendas internas de veículos, respectivamente. No entanto, as condições adversas da demanda, especialmente em relação ao mercado de trabalho, limitarão uma recuperação robusta do setor.

O cenário para as exportações é positivo, com o maior direcionamento da produção ao mercado externo, favorecido pelos acordos comerciais firmados com parceiros na América Latina.



CENÁRIO SETORIAL MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/2016 ¹	BRASIL	-13,7%
	MINAS GERAIS	-29,6%
FATURAMENTO JAN-OUT/2016 ¹	BRASIL	-11,4%
	MINAS GERAIS	-25,8%
EXPORTAÇÕES JAN-OUT/2016 ¹	BRASIL	1,5%
	MINAS GERAIS	-11,6%

DESTAQUES

O ano de 2016 foi marcado pela manutenção do cenário adverso para o setor de máquinas e equipamentos, que, desde 2014, vem sofrendo com a queda dos investimentos no país. Entre janeiro e setembro de 2016, a produção industrial do setor registrou forte queda de 13,7%, na comparação com igual período de 2015. No acumulado em 12 meses encerrados em setembro, a contração foi de 15,4%. Para Minas Gerais, os recuos foram ainda mais expressivos (-29,6% no acumulado do ano e -33% no acumulado em 12 meses).

Destaca-se o crescimento de 1,5% nas exportações nacionais de máquinas e equipamentos no acumulado de janeiro a outubro. As maiores altas foram registradas nos segmentos de máquinas e equipamentos de uso geral (39,1%) e máquinas e ferramentas (14,7%). Esses segmentos foram responsáveis por 20% das exportações do setor no ano.



PROJEÇÕES²

Para 2017, após significativa queda em 2015 e 2016, as expectativas são de alguma recuperação do setor, embora lenta.

O segmento de máquinas e equipamentos agrícolas deve manter a trajetória de recuperação iniciada no 2º semestre de 2016, uma vez que entrará em vigor, a partir de janeiro/17, a nova fase da resolução nº 433 do CONAMA, que exigirá máquinas agrícolas menos poluentes. Além disso, a linha de financiamento do BNDES Moderfrota deve receber uma injeção de R\$ 2,5 bilhões em 2017, o que pode fomentar a troca das máquinas e servir como estímulo à produção.

Espera-se também um crescimento da produção dos equipamentos da linha amarela no próximo ano. De acordo com a Associação Brasileira de Equipamentos para Construção e Mineração, a previsão é que o mercado atinja vendas de 9,2 mil unidades em 2017, o que significa um crescimento de 6,6% ante 2016.

Assim, estima-se queda de 9,8% na produção física em 2016, seguida de crescimento de 6,7% em 2017. Para o consumo aparente, as expectativas são de queda de 16,8% em 2016, e de crescimento de 5,3% em 2017. Para as exportações, espera-se crescimento de 7,4% em 2016 e novo avanço de 5,5% no próximo ano. Para as importações, as expectativas são de recuo de 20,2% em 2016, seguido de um avanço de 5,2% em 2017.



CENÁRIO SETORIAL CONSTRUÇÃO CIVIL

NÍVEL DE ATIVIDADE (CNI/FIEMG) OUT/16	BRASIL	Permanecem em queda (abaixo dos 50 pontos ³).	
	MINAS GERAIS*		
PRODUÇÃO FÍSICA DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) JAN-SET/16 ¹	BRASIL	-11,9%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC) JAN-OUT/16 ²	BRASIL	6,0%	R\$ 1.021,25
	MINAS GERAIS	7,7%	R\$ 960,22

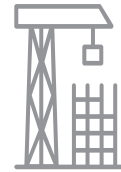
DESTAQUES

A atividade da construção civil segue severamente impactada pela deterioração do emprego, da renda e das condições de crédito, ao lado da virtual paralisação do investimento público em infraestrutura. O quadro é de recuo da demanda, combinado com um nível elevado de estoques e agravado por uma tendência crescente de interrupções de contratos.

Nesse sentido, a produção de insumos para a construção sofreu queda de 11,9% no acumulado do ano até setembro/16 contra 11,1% no mesmo período encerrado em setembro/15.

A despeito da contração da atividade, o custo nacional da construção civil aumentou 6,0%, entre dezembro/15 e outubro/16 no Brasil, e 7,7% em Minas Gerais. Os custos com a mão de obra subiram mais que os de materiais (alta de 3,0%, no Brasil, e de 5,0%, em Minas Gerais, nesse mesma base de comparação). O custo de mão de obra cresceu 9,5%, no país, e 11,0%, no estado.

O emprego na construção, assim como na economia em geral, continua em queda, como mostram os dados do CAGED do Ministério do Trabalho. No acumulado do ano até outubro/16, o saldo foi negativo em 241.592 no Brasil e de 17.809 em Minas Gerais.



PROJEÇÕES⁴

As expectativas são de que a produção de insumos para a construção finalize o ano com queda de 10,1% ante 2015. Para 2017, espera-se leve alta de 1,2%.

Os custos do setor devem encerrar o ano com altas de 8,4% para a mão de obra, e 3,1% para os materiais. Para 2017, as projeções apontam aumentos de 5,7% na mão de obra e de 3,4% nos preços de materiais.



CENÁRIO SETORIAL INDÚSTRIA EXTRATIVA

PRODUÇÃO FÍSICA* JAN - SET/16 ¹	BRASIL	-12,6%		
	MINAS GERAIS	-14,5%	QUANTIDADE	VALOR (US\$)
EXPORTAÇÕES MINÉRIO DE FERRO JAN - OUT/16 ¹	BRASIL	3,2%	-13,5%	
	MINAS GERAIS	6,5%	-0,4%	

DESTAQUES

Durante o ano de 2016, a indústria extrativa seguiu com desempenho negativo e acumulou quedas sucessivas na produção, tanto no Brasil como no estado. De janeiro a setembro de 2016, a extração mineral brasileira diminuiu 12,6%, reflexo da retração em Minas Gerais, onde as estatísticas de produção do setor extrativo são quase que integralmente referentes à extração de minério de ferro. O rompimento da barragem de Fundão, em Mariana-MG, em novembro de 2015, impactou negativamente a produção do setor no estado, que decresceu 14,5% no acumulado do ano até setembro.

Apesar de ter atingido a cotação de cerca de US\$ 70/ton. no final de outubro e acumulado alta de 1,3% no 3º trimestre de 2016, o preço médio do minério de ferro recuou 11,02% de janeiro a setembro deste ano contra o mesmo período de 2015. Esse resultado contribuiu para que os valores das exportações no Brasil e em Minas Gerais, no acumulado até outubro de 2016, permanecessem abaixo daqueles registrados no mesmo período do ano anterior, com quedas de 13,5% e 0,4%, respectivamente. A demanda por aço na China, ainda que ascendente, não tem sido suficiente para afetar positivamente a cotação da *commodity* na média de 2016, uma vez que a recuperação do consumo chinês tem acontecido de forma pontual e instável.



PROJEÇÕES

Em 2016, a projeção é de queda de 1,9% na produção nacional de minério de ferro, resultado da paralisação das atividades extrativas em Mariana-MG – associada à decisão estratégica das mineradoras em privilegiar a maximização de suas margens ao invés dos volumes produzidos, suprimindo a produção de minas com custos elevados. Paralelamente, em 2017, a expectativa é de aumento de 7,4% na extração mineral brasileira, totalizando cerca de 430 milhões de toneladas produzidas no ano, influenciado pela entrada em operação da planta S11D da Vale, em Carajás-PA, no início do próximo ano.

Ao mesmo tempo, o preço médio do minério de ferro poderá ser afetado negativamente pelo crescimento da oferta global, inclusive com expansão da produção de mineradoras australianas. A projeção é de cotação média de US\$49,5/ton. em 2017. Os elevados estoques nos portos chineses potencializam a projeção de queda no preço da *commodity* para 2017.

A estimativa de recuo de 11,9% na cotação do minério de ferro em 2017 não foi suficiente para reverter a projeção de aumento de 3,1% no valor exportado da *commodity* no mesmo ano, dado que a tendência é de expansão na produção nacional para 2017.



CENÁRIO SETORIAL METALURGIA E SIDERURGIA

PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/16 ¹	BRASIL	-8,2%
	MINAS GERAIS	-4,9%
FATURAMENTO JAN-OUT/16 ¹	BRASIL	-14,8
	MINAS GERAIS	-3,4%
EXPORTAÇÕES JAN-OUT/16 ¹	BRASIL	-10,3
	MINAS GERAIS	-12,9

DESTAQUES

O setor de metalurgia enfrentou grandes dificuldades em 2016. O desempenho negativo foi motivado pela atividade econômica nacional desaquecida, especialmente nos principais setores demandantes de aço – veículos e construção civil.

O cenário econômico mundial também vem exercendo influência negativa no resultado do setor metalúrgico, pois, além do excesso de oferta global de aço, foram adotadas algumas medidas desde o final de 2015, dificultando a entrada de produtos siderúrgicos brasileiros nos Estados Unidos.

Os dados do Índice de Confiança e da Sondagem Industrial elaborados pela Confederação Nacional da Indústria – CNI – mostram cenário pouco animador para as empresas metalúrgicas no curto prazo. Em novembro, o indicador de confiança mostrou pessimismo dos empresários, apontando insatisfação em relação às condições atuais de negócio. As expectativas para os próximos seis meses seguem negativas em relação à evolução da demanda, à compra de matérias-primas, às exportações e às contratações.



PROJEÇÕES

A expectativa para a cotação média de bobinas laminadas a quente no Brasil foi recentemente revisada, passando da queda de 1,8% para o crescimento de 2,0% em 2016, comparativamente a 2015. Para 2017, a projeção é de aumento de 4,1% no preço médio de bobinas, em função de aumentos nos custos dos insumos aliados à evolução positiva da demanda chinesa, dada uma recuperação do mercado imobiliário naquele país.

O consumo aparente de aço no Brasil (total da produção, mais importações, menos exportações) deve encerrar 2016 com queda de 15,5%, na comparação com 2015, decorrente do baixo dinamismo da atividade econômica. Por outro lado, a expectativa é de crescimento de 4,6% em 2017, em função da baixa base de comparação.

A produção de aço bruto no Brasil deve recuar 7,6% em 2016, voltando a crescer 3,2% em 2017.

BALANÇO ANUAL 2016 E PERSPECTIVAS

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE

Olavo Machado Junior

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Assessoria Econômica da FIEMG

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas a partir de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo deste material.

